

santes trabalhos. D'esta masmorra, onde são expurgados a saude, a bolsa e a paciencia, cumprimenta e inveja a liberdade d'aquelles que maranham os alcantis dos Herminios — *Serpa Pinto.*»

Por aviso affixado hontem na porta do nosso abarracamento, devemos reunir-nos hoje, depois do almoço, para sermos todos photographados em grupo pelo pessoal da secção photographica; — destacaremos em seguida livremente, cada um para onde lhe aprouver — e á noite, depois do jantar, temos um poetico passeio na montanha, ao clarão do Heni-luneo.

Todo o pessoal das diversas secções scien-

tificas da expedição tem sido incansavel em aproveitar o tempo, e estou certo de que o relatorio geral deve offerecer grande interesse.

O pessoal da secção photographica tem photographado os pontos mais pittorescos da grande Serra, e o distincto paysagista Lopes Mendes, já tem uma soberba e interessante collecção de *croquis*, que tenciona offerecer á Expedição e que, depois de retocados e passados a gravuras, muito valor podem dar ao relatorio.

Continua a gosar boa saude todo o pessoal da expedição.

Sem mais por hoje.

(Continúa).

P. A. FERREIRA.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do n.º 16)

XXVI

A EMANCIPAÇÃO

LOGO que Alexandre II foi coroado (1855) servos e senhores esperaram d'elle alguma medida importante e salutar. Os servos tinham confiança no novo imperador, os nobres temiam-no. Um grande temor se apossou dos proprietarios. «Que bem póde resultar d'essas reformas? exclamaram elles. O paiz será profundamente perturbado, os nossos bens serão destruidos. Reparem n'estes rusticos que fallam em tornar-se livres! Não sabem ler nem escrever; não teem capital, não teem credito, nem iniciativa. Passar o dia a rezar e a embebedar-se são as unicas cousas de que são capazes. As tentativas d'emancipação darão talvez um bom resultado nas provincias polacas; no coração da Russia, nunca!» O governo sustentou este assalto da opinião socegado, mas firme, e oppôz-lhe uma linguagem pacifica e actos vigorosos; o imperador não cessava de repetir a todos os que o podiam ouvir que havia perigo, não em fazer muito, mas em não fazer nada. Esta opinião espalhou-se, ganhou terreno e acabou por triumphar.

Consultas foram feitas a muitas provin-

cias. Comissões encarregadas de resolver qualquer duvida foram creadas; o imperador esforçou-se por associar á sua obra os homens mais activos e mais liberaes. Depois de assim se ter illustrado o espirito publico constituiu-se em S. Petersburgo, sob a presidencia do czar, uma commissão composta de ministros d'Estado e d'alguns membros do conselho imperial. Uma outra com o titulo de *comissão d'informação* foi tambem creada, tendo como presidente o conde Rostootsef, um dos rebeldes agraciados de 1825. A commissão presidida pelo imperador estudava os principios que deviam regular a emancipação; a outra classificava os differentes factos. Uma grande quantidade d'informações foram colhidas; desoito volumes de documentos e d'estatistica foram impressos e as conclusões foram formuladas n'um resumo succinto.

Concluido este trabalho, dois corpos de deputados das provincias eleitos pelos senhores foram convocados para a capital; examinaram o relatorio, apresentaram objecções e as emendas que fizeram foram submettidas ao imperador.

Até aqui só os nobres e os proprietarios das terras tinham dado a sua opinião sobre o projecto de lei; tinham apresentado segundo os seus interesses as ideias da classe a que pertenciam. Se n'esse projecto o direito

que os servos tinham á liberdade pessoal lhe era reconhecido, era-lhe negado o mesmo direito ao solo. Esta opinião era unanime em todos os interessados e um grande numero de pessoas sabia egualmente que era esse o sentido do projecto de lei legado pelo imperador Nicolau. Proprietarios receiosos pelas suas propriedades que outra opinião podiam ter? «A liberdade dê-se-lhes, se não ha outro remedio, diziam elles, mas sem a emancipação da terra.» Os deputados provinciaes estavam d'accordo sobre este ponto e a commissão d'emancipação consignou-o no seu projecto. N'estas condições foi submittido á apreciação da commissão presidida pelo czar. Citaram-se os exemplos da França, da Inglaterra e da Allemanha e como os servos d'essas nações não tinham obtido concessão de terras decidiu-se que os da Russia as não alcançariam. A grande commissão acceitou tambem a mesma opinião.

Mas, nas horas de crise, a Providencia aconselha os que teem d'executar-lhe as vontades. Apesar dos volumosos relatorios da commissão d'informação, o czar sabia que quarenta e oito milhões de Russos esperavam que elle lhe fizesse justiça; cada um d'esses quarenta e oito milhões d'homens sentia que o seu direito á terra era tão legitimo, como o do imperador á sua corôa. Alexandre comprehendeu que a liberdade sem os meios para viver era um dom fatal. Não querendo que a reforma popular se desviasse do seu verdadeiro fim e não produzisse mais do que uma agitação esteril, recusou-se a condemnar o servo á miseria com a mesma lei que lhe garantia a liberdade. «Juntar a liberdade á divisão das terras» foi a divisa d'Alexandre, o principio fecundo que elle defendeu contra os seus melhores e mais antigos conselheiros.

As decisões das commissões não deixavam ao imperador senão um caminho a seguir; convocar uma outra assembleia mais importante. Alguns membros da grande commissão, conhecendo as intenções do imperador, votaram contra a emenda apresentada pelos nobres; o czar submetteu a questão ao grande conselho, declarando que negocio tão grave não podia ser decidido por uma assembleia menos importante, e tanto mais que n'esta mesmo havia divergencias d'opinião. O grande conselho compõe-se de principes, de condes, de generaes na maior parte

idosos, que já não esperam da côrte senão pequenos favores e que muito afeiçãoados são aos seus dominios. Votaram contra o imperador e contra os servos.

Tudo parecia perdido e todavia a batalha estava ganha. Em quanto que o grande conselho não adoptára as conclusões das assembleias ao imperador repugnava-lhe o usar do seu poder absoluto, mesmo para salvar o paiz; mas no dia da votação declarou na sua qualidade d'autocrata, que o principio «a liberdade com a posse da terra» era a base da sua lei d'emancipação.

A 3 de março (19 de fevereiro) de 1861 foi assignada a lei.

N'essa occasião a população rural compunha-se de vinte milhões de servos, tres milhões de aldeões d'apanagio e vinte e dois milhões de aldeões da corôa. Os primeiros foram os unicos que recuperaram a liberdade pelo decreto de 1861; mais tarde foi promulgada uma lei em favor dos aldeões d'apanagio e dos da corôa, que hoje são tão livres de facto, como precedentemente o eram de nome.

Uma porção de terra, variando em cada provincia segundo a qualidade do solo e o clima, foi distribuida a cada individuo e a coadjuvação do governo foi promettida aos servos que resgatassem os seus campos e as suas moradas. Os aldeões não tardaram em seguir este caminho. A 1 de janeiro de 1869 mais de metade tinha aproveitado esta vantagem; a divida contrahida pelo povo para com a corôa ainda hoje se eleva a uma quantia consideravel.

Tendo sido a liberdade individual e a posse da terra a doutrina da lei da emancipação tiveram-se de tomar medidas preventivas para o caso em que o aldeão, alcançando a sua liberdade, tentasse voltar á vida errante d'outr'ora. Ninguém sabia até que ponto elle se tinha corrigido dos costumes nomadas, por causa dos quaes a servidão tinha sido instituida. Todos com inquietação perguntavam se o camponez livre se submetterá ás leis: portanto foram tomadas medidas para prevenir a anarchia social que, no reinado de Boris Godounof e de Pedro o Grande, tinham forçado a Coroa a *colonisar* o paiz.

São estas algumas das medidas repressivas:

«Aldeão algum póde mudar de residencia

sem abandonar completamente a sua parte nas terras da communa.

«No caso da aldeia não querer tomar conta d'essa porção de terra deve ella ser entregue ao chefe do districto :

«E' indispensavel para a mudança de residencia que o individuo tenha cumprido os seus contractos particulares e os que tiver feito com a communa.

«E' obrigado a prover á subsistencia dos

membros da familia que pela sua idade muito moça ou muito adiantada, possam ser um encargo para a communa.

«Deve ter pago todas as rendas em divida ao chefe do districto.

«Deve mostrar, ou consentimento d'uma outra communa em admittil-o como membro, ou a escriptura por onde se prove ter adquirido uma propriedade qualquer».

Estas disposições, que apenas são provi-



CASA RUSSA DO NORTE — Desenho de I. Moynet, tirado do natural

sorias, pareciam ligar sufficientemente o aldeão á terra.

Como em todas as grandes transformações d'este genero, os districtos mais affectados pela nova lei foram os que mais descontentes se mostraram. Muitas queixas contradictorias foram apresentadas; umas diziam que o servo obteve concessões demasiadas, outras affirmavam que ao senhor ainda ficavam excessivas regalias. Em muitas provincias, os aldeões recusaram-se a ouvir ler nas egrejas a lei da emancipação. Diziam que eram

enganados pelo padre, que tendo-se este tornado o czar sobre a emancipação lhes lia documentos forjados pelos nobres. Alguns fanaticos e impostores aproveitaram-se d'este descontentamento para os excitar á revolta.

O imperador resolveu visitar as provincias agitadas. Um dia chamou á sua presença os Anciões d'um districto e dirigiu-lhes estas doudas palavras: «Dei-lhes todas as liberdades insertas nas leis do paiz; mas não posso conceder-lhes mais do que aquellas que ahi

estão comprehendidas». Era a primeira vez que os aldeões russos ouviam fallar d'um limite posto pela lei á vontade do imperador.

XXVII

A LIBERDADE

«Quaes foram os primeiros effeitos da emancipação na sua provincia? perguntei eu a uma senhora, a princeza B...

—Assisti a effeitos muito comicos, respondeu-me ella. De manhã essa pobre gente não acreditava nem nos seus olhos, nem nos seus ouvidos; de tarde estavam bebados; no dia seguinte pediam que os casassem.

—De maneira que primeiro a incredulidade, depois a agoa-ardente e depois o casamento. Com effeito era uma coisa divertida.

—E' preciso não esquecer que o servo não podia beber, nem amar á sua vontade. Apressou-se, pois, a usar d'essa dupla liberdade. Talvez ella lhe tivesse sido fatal.

—Não, com certeza, a liberdade de se casar.

—Quem sabe?»

Os verdadeiros resultados da libertação dos servos são por diversos modos apreciados pelas classes elevadas. Se nos salões liberaes do Palacio d'Inverno se vê tudo côr de rosa, os dois partidos extremos, os conservadores e socialistas, consideram a reforma d'um modo bem differente; reputam-na impolitica e perigosa.

Todo o Russo que faz o esforço de criticar os actos do poder usa uma lingoagem sombria, oriental, prophetica; expelle lugubres lamentações, expande-se em vaticinios sinistros. Se lhe acontece o emittir opinião sobre os defeitos do seu tempo e da sua patria, amaldiçoa os homens e as cousas; se chega a fazer o seu exame de consciencia torna-se severo, increpa o seu procedimento.

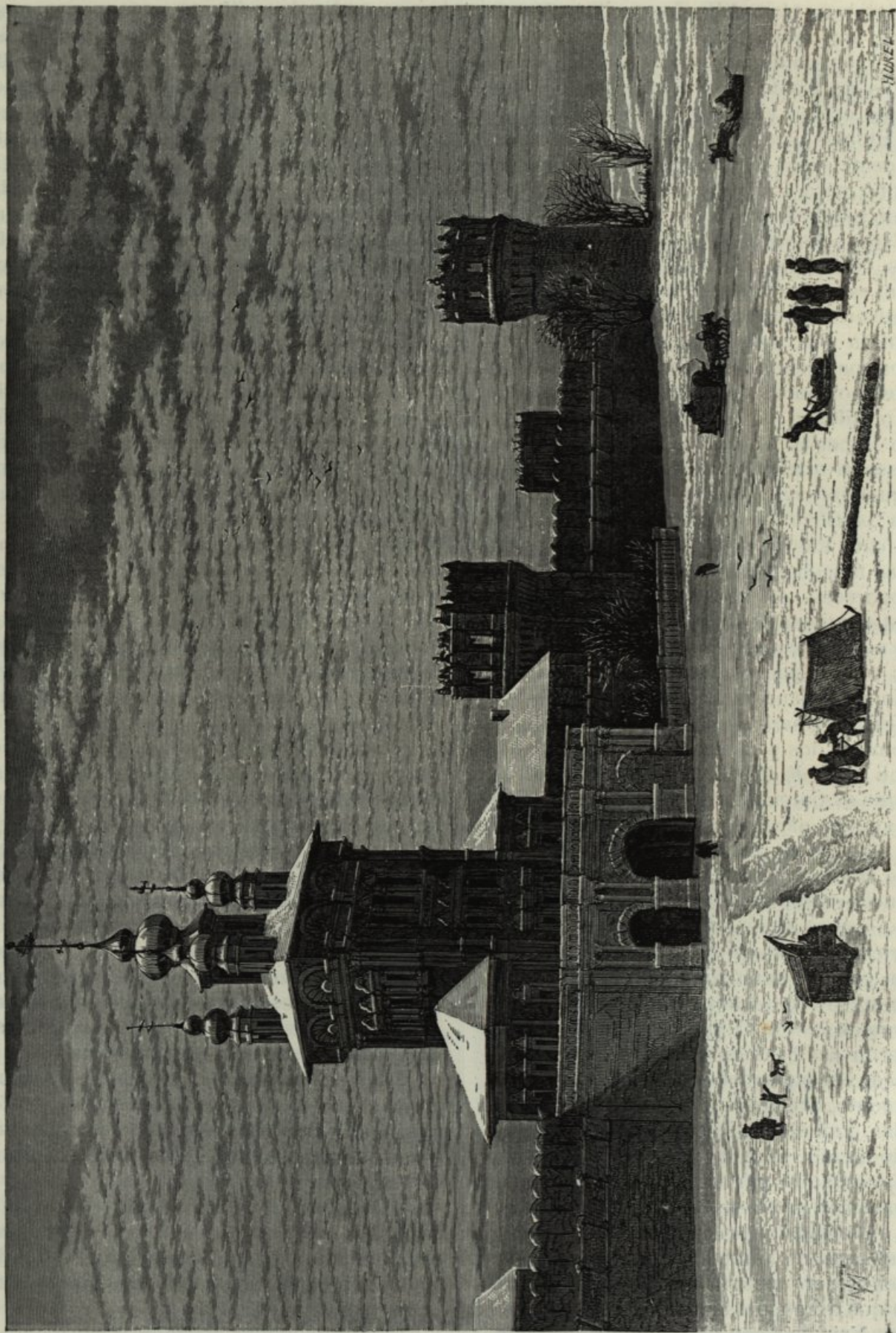
Se se falla com um grupo de conservadores, sociedade encantadora n'um salão ou n'um club, pessoas da mais completa educação, d'um a polidez requintada até á corrupção; senhores que nunca viram os seus servos, proprietarios que nunca viveram nos seus domínios, *dandys* novos ou velhos que passam a sua vida a vaguear entre S. Petersburgo e Pariz, que são conhecidos em todas

as casas de jogo, em todos os theatros, do Neva ao Sena. Esses homens dirão por entre o seu mais fino sorriso que a Russia está perdida.

«Fallam em trabalho livre! exclamam elles desdenhosamente. Sob estas livres instituições, o paiz declina d'anno para anno; declina na moral, declina na producção, declina na força politica. O aldeão trabalha menos e bebe mais que antigamente. Emquanto era servo, o chicote tornava-o, se não sobrio, pelo menos industrioso. Presentemente tornou-se senhor das suas acções e acha melhor o vadiar ou dormir junto do fogo. Não só se degrada, mas arrasta os outros á ruina. O burguez vale incomparavelmente menos; o negociante já não encontra nada que possa comprar e vender. A enxada e a charua estão inactivas: a producção de trigo, d'aveia, de cevada e de milho é menor que no bom tempo antigo. A Russia está mais pobre do que nunca, tanto sob o ponto de vista financeiro, como sob o ponto de vista physico. As fomes tornaram-se mais frequentes, os incendios mais numerosos; o roubo e o assassinato crescem na mesma progressão. Hoje existe entre os ricos e os pobres uma divisão bem mais profunda do que aquella que havia no tempo dos senhores e dos servos. O nobre então estendia a sua sollicitude até ao camponez e os desherdados da fortuna viviam dos restos da meza dos ricos. Exerciam uns sobre os outros uma influencia salutar.

No novo estado de coisas somos estranhos, quando não somos rivaes, concorrentes, quando não somos inimigos. Hoje ao aldeão pouco importam os interesses ou os damnos dos nobres e dos padres. Um senhor que queira viver nas suas terras deve semear saudações e sorrisos, tornar-se popular com cumprimentos para conservar os seus bens e comtudo não chega a impedir que o aldeão lhe assalte as suas quintas, lhe roube o peixe dos seus lagos, lhe mate a caça das suas florestas, lhe insulte a sua mulher. Se quizer justiça perde o seu tempo, quer na policia, quer nos tribunaes. Todas as classes vivem n'uma lucta perpetua e as sementes da revolução são largamente espalhadas.

Se se falla com os vermelhos, partido mais audacioso, mais apaixonado, cujos mem-



MOSTEIRO DE MULHERES EM MÓSCOU — Desenho de I. Moynet, tirado do natural.

bro também têm feito frequentes viagens a Paris, mas não para frequentar as casas de jogos e os gabinetes das dançarinas. São homens de fronte pallida, d'olhos brilhantes, que ornam com o nome de sciencia as suas utopias sociaes e julgam dos *ukases* que decretaram a emancipação como um caminho para a republica popular que pretendem estabelecer.

«Estes relatorios e estas leis eram necessarias, dizem elles, para que os nossos olhos vissem estas verdades esmagadoras. As nossas miserias estavam escondidas; só se via a riqueza dos principes, o esplendor dos nossos palacios, o immenso numero dos nossos soldados. Julgavamos, e o mundo todo partilhava do mesmo erro, que o governo imperial tinha em si bastante força para seguir qualquer caminho, para esmagar qualquer inimigo. O czar era tão poderoso! Quem pensava nos servos? Quando o sol fulge com todo o seu esplendor quem lhe nota as manchas? Hoje o reinado da illusão desapareceu, os nossos infortunios estão expostos a todas as vistas. Dizem que somos livres e que prosperamos com a nossa liberdade; a realidade contradiz essas palavras. O acto da emancipação foi uma cilada. Os aldeões imaginaram que iam ser libertados do dominio dos seus senhores; mas, quando chegou o dia do tal libertamento, reconheceram que os tinham arrancado ao poder d'um mau senhor para os collocar sob a auctoridade d'um ainda peor. O que anteriormente era servo, ficou sendo escravo. Tinha pertencido a um visinho, muitas vezes a um amigo, agora tinha sido transformado em propriedade da corôa. Marcado com a aguia negra, como com uma marca infamante, está preso ao solo por uma cadeia mais forte do que nunca esteve. Uma falsa civilização se apoderou d'elle, o enlaçou. Que fez essa civilização em seu beneficio? Reduziu-o á fome, despojou-o, arruinou-o. Entre-se nas nossas cidades. Examinem-se os burguezes e ouvir-se-hão mentir, enganar; dão falsos testemunhos; compram por uma medida e vendem por outra. Visitem-se as communas. Repare-se nos olhos sem expressão do aldeão; vive só, como o animal longe dos seus companheiros, ao mesmo nivel na escala dos seres que o tronco d'arvore da cabana que o abriga. Veja-se como elle se embriaga, como

o seu andar é vacillante, como reza, como despreza os seus deveres e se reproduz, semelhantemente ao urso ou ao lobo das florestas, sem que o menor raio d'intelligencia lhe atravesse o cerebro. Este estado de cousas deve acabar. O pobre é a victima de todos os tyrannos, de todos os impostores; o ministro apodera-se-lhe da liberdade, o nobre do seu campo; mas a hora da revolução aproxima-se e o povo a saudará com gritos d'enthusiasmo e com o grito de justiça: «Nós queremos mais liberdade, nós queremos mais terras!»

Um estrangeiro que ouça uns e outros, que observe os factos com attenção, não tarda em reconhecer que certas apparencias podem com effeito motivar estas opiniões extremas e contradictorias. Mas se, abandonando os pontos de vista particulares, attenta no todo, convence-se que incontestavelmente a situação melhorou.

Depois da emancipação o aldeão anda mais bem vestido, tem melhor casa, alimenta-se melhor: a esposa está mais robusta, os filhos andam mais limpos, a casa tem condições mais hygienicas; elle e os seus tem a felicitar-se por uma mudança que, d'uma coisa que elle era, o transformou n'um homem.

É verdade que o aldeão gasta mais dinheiro em bebidas alcoolicas; mas gasta ainda mais no vestuario da mulher. Emprega melhores madeiras na construcção da sua cabana e em muitas provincias, especialmente nas do Este, melhoramentos foram introduzidos na sua fôrma exterior. A madeira é pintada, as juntas são fechadas com barro. Manda os filhos á escola e elle mesmo vae muitas vezes á igreja. Se vende menos pelles e cereaes é que, estando em melhores condições de viver, póde agora guardar para si o trigo e usar um bouné de pelles.

A classe burgueza e o pequeno negociante foram igualmente beneficiados com a reforma. Todos os ramos das industrias caseiras foram energicamente estimulados. Gasta-se mais calçado, edificam-se mais casas; os chapéos, os vestidos, as capas têm maior consumo; as padarias e as cervejarias têm mais consumidores; o mestre tem mais discipulos, o banqueiro inscreve nos seus livros maior numero de clientes.

Este movimento estende-se em toda a li-

nha, porque os outros direitos, as outras liberdades acompanham de perto a emancipação. Ha cinco annos (1864) o imperador creou em cada governo dois poderes locais: um conselho de Districto e um conselho Provincial, onde toda a população, desde o principe até ao camponez, deve ser representada. Todos os habitantes sem distincção, nobres, padres, negociantes, lavradores, são convocados para eleger o primeiro d'estes corpos; cada classe vota separadamente e em perfeita liberdade. O Conselho provincial compõe-se dos delegados dos conselhos do districto. Occupa-se da construcção de prisões,

da drenagem dos pantanos, da canalisação dos rios, etc. A influencia dos nobres é n'este corpo preponderante, em quanto que a do aldeão se faz sobretudo sentir nos conselhos de districto em que são reguladas todas as questões relativas ás estradas e ás pontes. Estas duas assembleias não são menos uteis uma do que a outra, como escolas de liberdade, de eloquencia e d'espírito publico. Os homens mais intelligentes adquirem assim a pratica da vida civil e da vida parlamentar.

(Continúa).

CONFERENCIA

DO

ENGENHEIRO EXPLORADOR AFRICANO LOURENÇO MALHEIRO

FEITA NA NOITE DE 29 DE JULHO DE 1881 PELA OCCASIÃO DA SUA PASSAGEM POR LOANDA

(Conclusão)

NERA na verdade lamentavel o mau exito d'esta tentativa de iniciativa particular, porque isso seria decerto motivo para causa de grande desanimacção entre os capitalistas, e de grandissimas difficuldades em organizar uma nova empreza mineira. Que os maus resultados obtidos em Benguella haviam de generalisar-se, e a pobreza mineira reconhecida alli, havia de ser attribuida do mesmo modo a toda a provincia. E, comtudo, nada mais absurdo que este modo de julgar.

Se alguém quizesse apreciar a riqueza mineira de Portugal pelas minas existentes na provincia do Minho, ou a riqueza mineira de Hespanha pelas minas de Galliza, seria levado a concluir que a peninsula iberica era quasi absolutamente esteril, o que era falsissimo.

No Alemtejo, uma mina sómente, — a de S. Domingos, tinha chegado a dar em um anno um producto liquido de perto de 1:000 contos; e na provincia de Huelva em Hespanha, a mina de Rio Tinto tinha sido vendida pelo Estado por alguns milhares de contos. Do mesmo modo a pobreza mineira de Benguella nada podia significar para o resto da provincia.

Pouco tempo antes de vir á Africa tinha

na sociedade de Geographia de Lisboa affirmado a necessidade de se fazerem explorações geologicas e mineiras nas colonias portuguezas.

A necessidade agora tornava-se mais instante.

Com a iniciativa particular não podia já contar-se, depois do mau exito da tentativa de Benguella. Era urgenté, pois, que o governo oppozesse a essa corrente da opinião falsa e errada, o resultado exacto e positivo d'uma exploração geral da provincia.

Agora, que se pensava em construir o caminho de ferro de Ambaca, seria conveniente que essa exploração precedesse a construcção n'este caminho de ferro. Os traçados de caminhos de ferro em regiões desertas como as de Africa, deviam subordinar-se a condições especiaes. Nos paizes povoados da Europa as vias ferreas são destinadas a servir de centros de producção já creados. Em Africa é a via ferrea que ha de terminar a creação d'esses centros de producção. Os caminhos de ferro europeus teem de satisfazer principalmente ás necessidades do presente; os de Africa devem ser traçados em vista das conveniencias do futuro. Era necessario portanto escolher o seu traçado, de modo a servir as zonas de terreno mais productivas e que mais

facilmente podiam ser aproveitadas no futuro.

Diz-se, por exemplo, que existe em Cambambe uma mina de carvão; não se sabe qual seja a sua importancia industrial, mas em primeiro lugar essa mina devia ser reconhecida antes da execução do caminho de ferro, e em segundo lugar o traçado d'esta via deveria aproximar-se o mais possivel d'aquella mina, no caso de reconhecer-se que ella tinha verdadeira importancia.

A existencia d'uma região carbonifera nas proximidades da directriz d'este caminho de ferro era um facto de tal importancia, que deveria merecer toda a attenção; e bastava saber-se que a tonellada de carvão custava no porto de Loanda trez libras aproximadamente, para poder apreciar-se o valor de uma mina de carvão, que alimentasse a exploração do caminho de ferro e a industria de Loanda.

Crê que este caminho de ferro é de uma importancia vital e quasi indispensavel para o desenvolvimento d'esta provincia. Entendia mesmo que este caminho de ferro não basta, e era necessario pensar que se torna urgente construir um outro que parta de Benguella ás regiões do interior, que alimentam actualmente o commercio da Catumbella.

A construcção d'estes caminhos de ferro, não só contribuirá para tornar effectivo o nosso dominio no interior, mas é o unico meio de que podemos lançar mão para assegurar o nosso commercio.

As feitorias do Zaire tendem a desviar da nossa costa o negocio do sertão; é necessario, pois, que nós vamos tomar alli posse d'elle dispondo para isso de um meio de transporte seguro, infallivel, completamente independente dos embaraços causados pela carestia de carregadores e pela sua falta muitas vezes.

Escolhida, convenientemente, a directriz d'esse caminho de ferro, a agricultura ir-se-ha desenvolvendo com facilidade em todas as suas margens.

Sem caminhos de ferro, a agricultura continuará enfesada e o commercio irá desaparecendo pouco a pouco. O caminho de ferro, será, além d'isso, um poderosissimo elemento de civilisação.

Lembrou o que succedeu nos Estados-Unidos por occasião da construcção do caminho

de ferro de New-York a S. Francisco: as regiões do interior estavam na posse dos indios; a construcção teve de fazer-se a coberto de forças militares, e receava-se sempre o ataque dos indios ao caminho de ferro. Não aconteceu assim: aquelle fez-se, avassallou-se todo o terreno, desenvolveu-se a industria e a agricultura, os povos indigenas foram sujeitos ao dominio da União, e elles proprios reconhecem hoje as vantagens d'aquelle meio de transporte.

Insistiu em mostrar a necessidade de uma exploração geologica e mineira da provincia; que não se comprehendia mesmo como um paiz poderia promover o desenvolvimento das suas colonias sem conhecer e sem tornar conhecidos do publico e dos emigrantes os recursos industriaes ou agricolas do seu solo. Ouviu dizer muitas vezes qua a costa d'esta provincia era esteril e pobre, e comtudo reconhecera que estava longe de ser verdadeira esta opinião. O terreno do districto de Benguella era em geral esteril, toda a zona que se estende desde Benguella até ao Dombe é quasi absolutamente insusceptivel de aproveitamento agricola, mas, apesar d'isso, bastavam os valles do Dombe e da Catumbella para assegurar áquelle districto uma producção agricola importantissima!

No valle da Catumbella, o terreno susceptivel de ser aproveitado na cultura da canna tem uma extensão aproximada de 5 kilometros de comprimento por 3 de largura, ou 1500 hectares. Por informações colhidas de particulares, proprietarios das localidades, a area necessaria para a producção de uma pipa de aguardente é de 400 metros quadrados. A area cultivavel da Catumbella poderia produzir portanto 40 mil pipas; suppondo que ametade d'este terreno é perdido com a construcção de edificios, ruas, area occupada pelo rio etc., — ficava ainda a cifra importante de 20 mil pipas, como representando a producção possivel do valle da Catumbella, e que ao preço de 50\$000 réis, um pouco inferior ao actual, dará aquella producção um valor de mil contos de réis.

O valle do Dombe podia ser agricultado n'uma area de 4 kilometros de largura por 10 de comprimento ou 4 mil hectares; mas suppondo igualmente desaproveitada ametade d'esta area, — teriamos a producção correspondente a 50 mil pipas que ao mesmo

preço, — daria um valor de 2:500 contos de réis.

E' claro que, com o augmento de producção, o preço baixará correspondentemente, mas cre' que o preço da aguardente tem ainda grande margem para redução e para lucro.

E' necessario que isto se saiba e que a exploração geologica que houver de fazer-se não descure nunca o conhecimento dos recursos agricolas das regiões estudadas.

Além d'estes, de interesse immediato, ha muitos outros estudos a fazer, de interesse puramente scientifico.

Seria não só muito curioso, mas util, o conhecimento exacto dos usos, costumes e ideias dos povos indigenas de Africa. Suppunha que estes conhecimentos poderiam facilitar extraordinariamente as explorações scientificas do interior e tinha como muito provavel, que uma grande parte das difficuldades encontradas por alguns exploradores foram motivadas pela falta de conhecimento das leis e usos dos povos que visitaram.

Em dadas circumstancias, o roubo, que para nós é sempre um crime, constitue entre o gentio um direito.

Entendia mesmo que se deviam estudar e codificar as leis e usos particulares dos povos por nós avassalados; affim de que servissem de guia aos chefes de concelhos e á magistratura official, na decisão entre o gentio.

Pretender impôr ao gentio as determinações strictas do codigo civil portuguez é, não só absurdo, mas comico!

Está convencido de que é da falta de comprehensão dos costumes e das leis d'estes povos, que téem resultado muitas das luctas entre os indigenas e chefes de concelhos, não esquecendo nunca que em alguns casos teem sido estes por suas barbaridades e extorsões quem teem provocado essas luctas.

Será ainda o estudo dos povos selvagens o que nos ha-de dar a explicação de muitos factos, ainda hoje de uma significação obscura no dominio de anthropologia. Com effeito, é o homem selvagem o unico traço de união que póde existir entre o homem civilisado actual e o homem pre-historico. Lembrava um facto: por muito tempo os *dolmens* ou *antas*, foram considerados como monumentos destinados a sacrificios; depois como logares de sepultura dos povos d'aquella idade.

No Dombe tinha encontrado uns monumentos bastante semelhantes aos *dolmens*. Eram uns circulos, formados de lages a prumo, servindo de sepultura aos Sobas. Encontrou 2 d'estes monumentos. E' natural, similhantemente que os *dolmens* tenham servido de sepultura aos chefes de tribu.

Havia ainda uma outra questão importante a tratar: e era, a de fixar de um modo definido o processo mais conveniente para a civilização do indigena. Era evidente que nós os portuguezes já tinhamos concorrido muito para a civilização de Africa, mas que esse resultado tinha sido obtido de um modo, mais passivo que activo. Com effeito, o exemplo do nosso viver tinha influido nos usos do povo indigena.

As barbaridades frequentes entre o gentio, a antropophagia, bastante vulgar antigamente, tinham desaparecido já, em grande parte.

Mas era certo, tambem, que pouco tinhamos feito para a educação activa d'este povo. Em geral, os povos meridionaes não téem, nem serenidade, nem a paciencia, necessarias para educar. Era preciso, comtudo, que os portuguezes residentes em Africa, no seu interesse proprio, tratassem activamente de utilizar o indigena.

A colonisação por brancos é absolutamente impossivel em Africa; — o braço de trabalho será sempre o do preto.

Dos trabalhos executados sob a sua direcção no Dombe, pareceu-lhe poder concluir que o trabalho do preto é aproximadamente dous terços do trabalho do europeu na metropole; mas não tinha duvida em affirmar que o trabalho braçal do europeu aqui, seria dous terços do do indigena. Sob o ponto de vista do preço do trabalho, então a comparação dá uma vantagem extraordinaria em favor do trabalho braçal do indigena.

Sabia que já hoje em muitas propriedades se haviam substituido os antigos castigos corporaes por multas de perda de salario, em um ou mais dias de trabalho, e os proprietarios lhe haviam affirmado que este processo era efficacissimo. O trabalhador habituado a receber uma certa quantidade de dinheiro, por semana ou por quinzena, soffria tanto com a perda de dous, tres ou quatro dias de salario, que facilmente se sujeitaria antes ao castigo corporal do que á falta de dinheiro.

Este systema de multas deve ter uma

grande influencia na educação do indigena. Por esta forma elle conhecerá o valor do dinheiro e a conveniencia que tem em trabalhar e ser morigerado.

Por ultimo, agradeceu á assembleia a extrema benevolencia com que o tinha ouvido; que não tinha tido tempo, nem mesmo para coordenar as suas ideias sobre o que havia observado em Africa; e por isso a assembleia

devia desculpar o modo desconnexo como tinha esboçado varias questões de interesse colonial; que não queria terminar ainda, sem de novo agradecer muito profundamente e muito respeitosa, não só a honra que a sociedade collectivamente lhe havia conferido, como as expressões demasiado lisongeiras, que o mui digno presidente da sociedade lhe havia dirigido.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

DUAS instituições que se veem em toda a Africa septentrional merecem exame especial. A primeira é uma especie de mçonaria chamada *pourah*, a outra é uma confraria de mulheres cujo nome varia. Em nenhuma d'estas instituições alguém se póde filiar senão por graus e a doutrina superior apenas é sabida por um pequeno numero d'adeptos.

O *pourah* foi evidentemente uma instituição religiosa, um tribunal de Santa-Wehme; todos os homens se podem filiar, submettendo-se ás provas que lhe devem transformar a alma; desde então ficam fazendo parte *dos duas vezes nascidos*. O segredo é inviolavel e as mulheres são excluidas d'esta associação. Esta sociedade tem a missão de guardar as cousas santas: os templos, os bosques sagrados estão sob a sua vigilancia, o seu temivel tribunal impõe a sua vontade aos maiores potentados. Tem convocações secretas; os membros do *pourah* trazem como signal exterior uma *tatuagem* especial, representando um duplo cordão enrolando-se em volta do corpo e cujas extremidades, descendo pelo peito, se reúnem no estomago.

Quando as guerras se tornam duradoiras pede-se a um príncipe que faça de mediador; se accéita, declara que procederá como *um-pire*, palavra que significa dictador. Se os belligerantes rompem as treguas, ou não accéitam a mediação, faz annunciar que vae estabelecer o *pourah*. Durante o *pourah* não se póde derramar sangue. Se o *pourah* fôr violado, vinte ou trinta homens mascarados assaltam as aldeias, matam os homens encontrados fóra das suas cubatas e lançam mão

de tudo que encontrarem; este proceder lembra o interdicto judeu.

A associação das mulheres está sob a protecção e inspecção dos *pourahs* e dos homens de feitiço. Aos sete ou oito annos as raparigas são mettidas em recolhimentos da associação e ahi ficam até á idade casadoira. São submettidas a uma especie de circumcissão e pagam o piso d'um escravo ou o seu valor á entrada.

Os Mandingues de Mousardou estão mais adiantados que os seus visinhos. Os recolhimentos de raparigas são muito cuidados; as pensionistas nos dias de festa recebem visitas e mostram-se vestidas luxuosamente com turbantes na cabeça, tomando attitudes misticas.

Os edificios d'estes recolhimentos são asylos inviolaveis e mysteriosos, onde tudo se passa no meio do mais absoluto segredo.

As mulheres africanas téem sempre um grande orgulho em pertencer a esta instituição que pelo seu poder as protege nas suas dissensões caseiras, sendo muitas vezes ameaçadas com a intervenção do Monbo Jombo, espirito encarregado de vingar a honra do marido offendido. O Monbo Jombo é representado completamente coberto de folhas com um latego na mão, a fim de castigar as esposas infieis.

Os viajantes que quizerem penetrar na Africa por Serra Leôa devem sempre fazer-se acompanhar por um membro do *pourah* que lhe facilitará todas as transacções e os relacionará com os homens de feitiço que téem uma policia admiravel. Elles os advertirão das embuscadas que lhes preparam, das conspirações dos carregadores e lhes farão res-

tituir os objectos que lhes forem roubados.

Quando um homem de feitiço se apresenta em publico faz-se preceder d'uma grande gritaria e d'um grande barulho de campainhas; usa um traje muito extravagante; o chapéu cobre-lhe a cara; uma especie de manto abafa-o; muitas vezes andam em pernas de pau que na extremidade inferior estão adornadas com relevos, representando garras d'abutres. Junto do chefe desempenha a dupla funcção de jogral e de conselheiro. Os chefes da ordem não se mostram. Este cargo é privilegio d'algumas familias. Um filiado na associação disse-me que estes logares só se occupavam durante tres annos e que eram electivos; o mesmo succede entre os musulmanos com os almamis.

A acção dos homens de feitiço é sempre poderosa. E' preciso conservar-lhes a amisade por meio de presentes e mostrando por elles uma grande consideração, sem o que não se póde contar com a sua protecção.

XIII

Libertos desembarcados em Serra Leôa — Estado do commercio em Serra Leôa — Barcos a vapor — Inferioridade dos libertos — Ilha de Sherboro — Morte de Julio Gerard, o caçador de leões — Costa da Liberia — Gallinhas — Cabo do Monte — Fanatoro — Fraude d'um marabuto: o carneiro de Peter Gray.

Tendo sido preciso para a repressão da escravatura o fazer-se grandes armamentos em Serra Leôa, creou-se um vice-almirantado e tornou-se o porto central, d'onde sahia a numerosa flotilha que durante cincoenta annos perseguiu os negreiros com uma energia sem igual.

De 1830 a 1840 trinta e cinco mil negros foram apprehendidos e desembarcados. Tomando os sessenta mil negros apprehendidos durante estes dezoito annos como base do nosso calculo, não se póde avaliar em menos de cento e quarenta mil almas o numero d'escravos libertados pela esquadra ingleza durante o periodo total da repressão da escravatura.

Estes libertos foram os elementos d'onde sahiu a actual Serra-Leôa. Esta população de cento e quarenta mil almas ahi foi desaparecendo e hoje, ainda que se contem os

nascimentos, apenas se encontram setenta mil libertos espalhados pelos quinze ou dezeses districtos em que está dividida a colonia.

Esta extraordinaria mortalidade é attribuida a muitas causas. O estado de fraqueza e d'abatimento a que o empilhamento nos porões dos navios reduzia estes desgraçados seres era tal que mais da quarta parte morria em caminho e que uma outra quarta parte morria ao chegar a terra, onde o regimen alimentar deixava tanto a desejar como o alojamento e o vestuario que lhes forneciam.

Os sentimentos caritativos da sociedade ingleza fizeram erguer estabelecimentos de todos os generos: as sociedades religiosas coadjuvaram o governo; apoderaram-se d'estes negros; cada uma d'ellas procurou educal-os, assegurar-lhes o seu bem estar.

As eschololas, as casas d'educação, as egrejas que ornaram as praças da cidade de Free Town testemunham o zelo e o poder das sociedades de propaganda em Inglaterra.

Todos os cultos são permittidos em Serra Leôa e as differentes religiões christãs téem alli os seus representantes.

Serra Leôa está aberta ao commercio de todas as nações. Os estrangeiros, como em todas as colonias inglezas, não podem possuir immobéis, e, quando os possuem, não os podem alienar sem o consentimento do conselho da rainha: é um regimen bem restrictivo.

As carreiras de barcos a vapor põem agora mensalmente a Serra Leôa em comunicação com a Europa e com todas as colonias europeas creadas pelos Europeus na costa occidental da Africa. A absorpção das colonias dinamarquezas e hollandezas pela Inglaterra tornam-n'a senhora absoluta de regular, como entender, a sua politica africana.

Os libertos tomam parte muito activa na vida social das colonias; fazem parte dos seus jurys, guiam a opinião publica pela imprensa; muitos são magistrados judiciaes. Mas é forçoso confessal-o, tudo sahe acanhado d'estes cerebros pouco intelligentes; os jornaes são grosseiros e julgam ser essa linguagem uma apparencia d'independencia; o negro agita-se com facilidade e o Europeu é para elle um inimigo que não póde contar com a sua benevolencia.

Em resumo vale mais ter relações com a população indigena do que com os libertos da Serra Leôa, que de civilizados apenas tem uma tenue casca. Serra Leôa apenas tem uma ligeira camada de christianismo;

se amanhã o governador e a guarnição desaparecerem, os mollahs, os mandingues, os bambaras e os marabutos foulahs serão rodeados pela população e as egrejas serão transformadas em mesquitas; e o que não



TERRAS DE SEKRA LEOA, VISTAS DO MAR:— Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

fôr musulmano voltará ao fetichismo e curvar-se-ha com o temor do *pourah* que escondidamente ahi continúa a desenvolver-se.

A ilha de Sherboro é colonia ingleza ha uma duzia d'annos e as leis da Serra Leoa

foram-lhe applicadas: o commercio francez, que ahi estava profundamente enraizado, perdeu muito depois d'esta annexação por não poder negociar com os indigenas polvora e armas.



TERRAS DA BAHIA DO CABO MONTE — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

Os rios que desagoam no braço de mar que separa Sherboro do continente permittem que facilmente se penetre no interior. A attenção do governo inglez fixou-se principalmente sobre o rio Jonk cuja posse recentemente produziu um letigio entre a Inglaterra e os Estados da Liberia: estes ultimos pretendiam ser aquelle rio a sua fronteira ao norte.

Pelos conselhos que lhe tinham sido dados pelos colonos de Serra Leoa Julio Gerard

escolhera este caminho para penetrar no interior. Morreu n'esta tentativa; segundo indagações feitas pelas auctoridades inglezas parece certo ter sido assassinado por sapahi arabe que tomara para o seu serviço em Argel. A sua aptidão para viajar ficou bastante duvidosa; uma coisa é matar leões á espera outra é percorrer pacientemente um caminho com a carteira d'apontamentos na mão. A sciencia do viajante não é a todos commum e o viajante em Africa deve fazer observações

astronomicas para fixar os pontos que visita.

Deixando Sherboro, encontra-se a costa de Graines, patria dos Crumanos, tambem chamada costa de Malagueta ou da Liberia. Depois de terem sido expulsos da Serra Leoa os negreiros acolheram-se a esta costa, onde os navios crusadores os bloqueavam estreitamente.

Em 1832 encontramos em frente do cabo Gallinhas um d'estes ninhos d'escravos; a *Cegonha*, brigue de dez peças, acompanhava a *Hermione*, fragata que arvorava o signal de commandante em chefe e em que eu servia; ao crepusculo da manhã o gageiro avis-

tou uma mastreação bem lançada; a *Cegonha* deu-lhe caça, a fragata metheu a gavela sobre o mastro, a lancha recebeu a sua pesada peça e os escaleres largaram com grande velocidade.

O silencio necessario para que deem bom resultado estas expedições de surpresa só era interrompido pela cadencia dos remos que se flexionavam sob os esforços dos remadores.

O dia ia pouco a pouco, aclarando; o navio estava na defensiva; a luz não permittia ainda que claramente se visse o seu apparelho; chegamos á distancia d'um tiro de pistola, abriram-se as portinholas e nós contamos dez boccas de fogo só d'uma banda e a arti-



TERRAS DA BAHIA DO CABO MESURADE - Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

lheria tinha os seus serventes a postos; o desconhecido podia ser um adversario terrivel.

A *Cegonha* tomou posição a estibordo do navio suspeito; nós ficamos sob o guropés; não podia resistir a este ataque combinado; emfim o navio arvorou a sua bandeira; era hespanhol! Que decepção para a gente que se preparava para se lançar á abordagem.

Subimos a bordo, onde o capitão do navio nos recebeu com uma urbanidade perfeitamente castelhana; pediu-nos desculpa por se ter posto na defensiva; tendo reconhecido que eramos francezes tinha o maior prazer em nos mostrar os seus papeis passados pelas auctoridades da Havana e que estavam perfeitamente em regra; desejamos-lhe uma feliz viagem.

A expedição terminara; os escaleres lutavam de velocidade para chegar a bordo,

onde tudo entrou em magnifica ordem; em summa tinha sido um dia feliz; a monotonia do cruzeiro quebrara-se n'este dia com as sensações da manhã.

Fundeamos em frente do cabo Gallinhas; todos teem o maior empenho em visitar este ponto celebre pela quantidade d'escravos que exportou e cujo numero só n'um anno chegou a dez mil. Pedro Branco, fundador d'esta feitoria d'escravos, tinha nascido em Malaga, tinha sido maritimo e recebera uma certa educação; um bello dia apoderou-se d'um carregamento que lhe fôra confiado, adquiriu riquezas enormes e os logros que fez são conhecidos por todos os officiaes que andaram nos cruzeiros africanos.

(Continúa).

PELO MUNDO

EUROPA

NUMA das suas ultimas sessões o conselho geral d'Ande manifestou-se a ideia de construir um grande canal entre o Oceano e o Mediterraneo pelo valle de Garonna e do Ande para a passagem de maiores navios de guerra e mercantes.

Segundo os calculos dos engenheiros do Estado a despeza seria de mil e quinhentos milhões e segundo os calculos dos engenheiros civis essa despeza reduzir-se-hia a 700 milhões.

Esta obra encurtaria a distancia que agora os navios tem a percorrer para vir do Oceano para o Mediterraneo, fazendo escala por Gibraltar. Facilitaria à França o reunir rapidamente as suas esquadras dos dois mares. Os inglezes, dinamarquezes, russos e belgas utilizariam tambem com esta nova via que daria à França vantagens incontestaveis.

— Agora que as tropas gregas, depois de ter sido feita a evacuação pelas tropas turcas, occupam a cidade de Domoko não serão extemporaneos os seguintes traços.

Domoko é uma pequena praça de guerra situada no centro da Tessalia que unicamente tem importancia sob o ponto de vista militar. Os turcos receiando uma guerra com a Grecia tinham feito de Domoko uma praça forte, podendo conter uma guarnição de 5:000 homens, com depositos de viveres e de munições para sustentar um longo cêrco. Domoko não tem mais de dois mil habitantes dos quaes trezentos ou quatrocentos são musulmanos e o resto grêgos. Tem uma igreja, duas mesquitas, uma escola grega para alumnos do sexo masculino e uma outra para alumnos do sexo feminino; tem fortes avançados, uma cidadella, casernas e um estabelecimento de banhos publico. As ruas, calçadas à turca, são porcas e estreitas; não tem arvores nem agua potavel.

Domoko está a cerca de 24 kilometros de Lannia.

ASIA

Os jornaes inglezes publicam o resultado do recenseamento que as auctoridades inglezas acabam de fazer em todo o Indostão.

O total é de 252,441,210 almas; decompõe-se pelas provincias nas seguintes proporções: Bengala 69.800:000; Madrasta 30.800:000; provincias do noroeste 33.600:000; Oudh 11.400:000; Punjamb inglez 18.700:000; Bombaim 13.900:000; Punjamb indigena 3.800:000; provincias do centro 11.500:000; Bajpootana 11.000:000; India central 9.200:000; Hyderabald 9.100:000.

Sobre este total ha um augmento de 12.788:565 desde 1871.

As regiões em que a população mais augmentou são: Bengala, 10 %; Anam, 19 %; Sind, 10 %; provincias do noroeste, 6 %; provincias do centro, 22 %; Birman inglez, 35 %.

Houve diminuição nas seguintes regiões: Madras-ta, 2 %; Bombaim, uma fracção; Mysore, 17 %.

— Segundo os dados officiaes mais recentes, a po-

pulação da Siberia, comprehendendo a parte nomada e os deportados colonisadores sobe ao numero de 1.388:000, assim divididos pelas diversas provincias: Tobolok 463:000, Tonisk 324:000, Dokoutsk 165:000, Yënisseisk 164:060, territorio do Trasbaikal 141:000, provincia do Amon 3:000, provincia maritima 13:000, provincia do Yakoutsk 112:000.

— O enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da China, o marquez de Treug, encommendou à sociedade de geographia de S. Petersburgo um novo mappa de Kouldja. Este mappa será feito pelos geographos nomeados pelo ministro dos negocios estrangeiros e conterá a demarcação das novas fronteiras russo-chinezas. O exemplar emcommendado pelo marquez de Treug será expedido a Pekin para ser apresentado ao Bogdokhau. Será guarnecido a setim azul, côr favorita dos chinezes. Este mappa deve estar concluido dentro d'um mez, antes da partida do marquez de Treug para Paris.

AFRICA

Diz o *Times* que n'um dos dias da ultima semana desembarcou em Liverpool uma machada d'ouro fechada n'um cofre de madeira que era dirigida ao *Colonial Office*. E' um presente feito pelo rei dos Achantis à rainha d'Inglaterra. Parece que esta machada nos tempos mais remotos foi usada por um dos reis d'aquelle paiz. E' coberta por uma pelle de leopardo que symbolisa a coragem, emquanto que o ouro é o emblema da riqueza. Offerecido à rainha como testemunho d'amisade do monarcha africano que a não deixara cair nas mãos dos soldados inglezes, esta machada fundida anteriormente á introdução da espingarda e da polvora em Africa, até hoje tem figurado em todas as ceremonias publicas na Coumania.

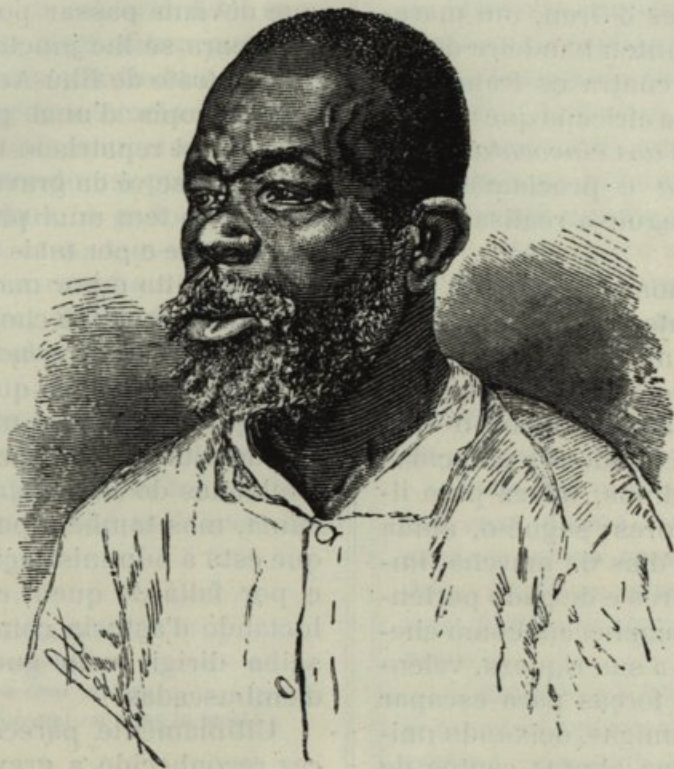
— Acaba de succumbir em Africa um explorador belga.

Na *Indépendance belge* do dia 11 do corrente lê-se o seguinte:

«Morreu victima d'uma febre maligna o engenheiro Neve que acompanhára Stanley ao Congo; tinha apenas 29 annos. D'uma saude robusta parecia supportar admiravelmente aquelle terrivel clima: Stanley n'uma carta de ha pouco dizia-o e louvava muito a intelligencia e a energia de Neve. Mas o trabalho era pesado e o nosso infeliz compatriota não se poupava. A elle estava encarregado o vapor de que dispõe a expedição do Congo. Muitas vezes foi preciso desmontar o vapor por causa dos rapidos e Neve não se contentava em dirigir o trabalho. Trabalhava elle tambem como um simples artista. As incessantes fadigas e a má alimentação minaram-lhe a constituição e presentiu a morte logo que sentiu a febre. Já em Manyacga a febre biliosa lhe minara as forças; no dia seguinte ao da sua chegada a Issanghila uma nova febre o atacou e succumbiu a 28 de junho. O correio que trouxe a fatal noticia da sua morte trouxe tambem um bilhete escripto por mr. Neve á sua familia. Continha estas dolorosas palavras: «morro, adeus.»

Foi uma grande perda para a sciencia.

Lisboa, 25 de setembro de 1881.



EBU-AMEMA

BU-AMEMA, Ebu-Amema, ou Bu-Amama (tudo nomes com que os jornaes o designaram) em poucos dias adquiriu terrivel celebridade: é um nome que com muita dôr pronunciam as viúvas e os orphãos dos assassinados em Saída.

Mas como se chamará realmente esse audaz e sanguinario chefe africano? Em Oran, (segundo o que dizem alguns hespanhoes repatriados) onde viveu sete annos chamam-lhe *Bo-Hamama* que significa *rei dos turbantes* segundo se diz no dialecto peculiar ao Sahara oranez; os jornaes francezes e os telegrammas officiaes umas vezes chamam-lhe *Bon-Amema* e outras *Ebu-Amema*, ou *filho d'Amema*; ha tambem quem lhe chame *Bu-Hamama*, o que significa *pae dos turbantes* e que está d'harmonia com a designação de *rei dos turbantes*.

Um orientalista francez, o conde Bochaid Dahdah, publicou no *Figaro* um estudo philologico relativo ao nome do feroz africano; é sua opinião que o nome é effectivamente

Bu-Amema ou *Abu-Amema* (*Bu*, pae e *Amema*, mulher socegada e discreta) o que indica ter, ou ter tido, o valente caudilho uma filha chamada *Amema*, notavel por alguma qualidade pessoal, pela sua belleza, pela sua virtude, pelo seu talento, pela sua instrucção, etc., visto que o *marabuto* tem orgulho no nome da filha ao qual antepõe o apelativo *Bu* ou *Abu*.

E' sabido que os arabes dedicam quasi sempre uma recordação aos seus progenitores, juntando ao seu nome o nome patronimico ligados ambos por uma das palavras *Beu*, ou *Ebu*, ou *Ebn*, que significa *filho, descendente*: assim Abderrahmam-Ben-Abdallah, Mohamed-Ebu-Zegrin, etc., e este uso tornou-se extensivo aos castelhanos nos seculos da Reconquista e ainda mais tarde, por exemplo: *Fernandez* (filho de Fernando), *Perez* (filho de Pero ou Pedro), *Diegues* (filho de Diogo), etc., segundo o costume dos arabes.

Seja qual fôr o seu nome, Ebu-Amema (nós continuaremos chamando-lhe assim) é,

segundo dizem os jornaes d'Oran, um marabuto de Moghar que levantou bandeira de rebellião e de exterminio contra os francezes, invocando uma prophesia africana que annuncia a derrota dos infleis aos cincoenta annos da usurpação d'Argelia e proclamando a guerra santa para conseguir a realisação da prophesia.

Ebu-Amema é um homem energico, valente, activo e habil estrategico; marcha sempre á frente da sua columna, montado n'um fogoso cavallo e armado com um revolver d'um official francez; acompanham-o tres chefes arabes que levam bandeiras parecidas com as dos *goums* argelinos, talvez para illudir os seus perseguidores; segue-o, ainda que a distancia de dois dias de marcha, immenso comboyo de viveres e de gado pertencente ás tribus que o reconhecem como chefe, o que constitue toda a sua riqueza, valendo-se d'esta divisão de forças para escapar atravez das columnas inimigas, deixando unicamente em poder d'ellas alguns centos de bois e carneiros, ou alguns carros com pouco importante carregamento.

Da sua habilidade estrategica deu-nos ha pouco prova cabal: soubera-se que o atrevido marabuto se dispunha a levar a cabo uma incursão no Este, entre o caminho de Geryville e Freudah, e tendo alguns centos de soldados francezes sahido ao seu encontro, sustentou corajosamente dois combates, um na manhã e outro na tarde do dia 9 de Julho; em seguida, tendo-se noticiado a fuga do caudilho para Sfissia ante as armas victoriosas do coronel Jacquet, soube-se que Ebu-Amema simulou aquellas duas escaramuças para facilitar a passagem d'uma importante columna de insurreccionados desarmados

que deviam passar por Dayat-Kerebet e El-May para se lhe junctarem em Aïm-Sfin.

O retrato de Ebu-Amema que publicamos hoje é copia d'uma photographia que um hespanhol repatriado trouxe d'Oran.

Como se vê da gravura que apresentamos o africano tem uma physionomia energica e intelligente e por mais que o ministerio francez prometta e por mais risonhas que sejam as noticias que lhe chegam d'Algeria, ou que forjam os ministros no seu gabinete, o facto é, que a guerra com que os francezes andam a braços na Africa é uma guerra muito seria, de difficil acabamento, não só pelas difficuldades do terreno, da inhospitalidade do clima, mas tambem pela desorganisação em que está a administração do exercito francez e por falta de quem com muita habilidade, luctando d'astucia com os chefes indigenas, saiba dirigir esta guerra d'escaramuças e d'embuscadas.

Ultimamente parece ter o governo francez reconhecido a gravidade da situação em que as suas ambições o collocaram na Africa e envia para aquelle clima insalubre repetidos reforços que, a nosso ver, nada conseguirão, se uma traição não vier prejudicar os esforços das tribus arabes que com pleno direito se revoltam contra a dominação oppressora do estrangeiro.

Repetimos, se a traição, o que mais d'uma vez se tem praticado na Algeria, não vier a dar a victoria aos francezes, embora morra Ebu-Amema, não morrerão outros marabutos que se apressarão em brandir o facho da revolução, nem morrerá o valor indomavel dos arabes que pelejam pela sua religião e autonomia.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

Por toda a parte o observador nota entre os camponezes uma tendencia para se aproximar das cidades e entrar n'um circulo de maior actividade. Esta tendencia transporta-os para além do periodo tartaro, para a epocha dos melhores dias de Novogorod e de Pskov.

Confinado na sua aldeia o camponez pôde contar com a sua triste existencia compartilhada pela sua mula e pelo seu boi; os seus pensamentos concentram-se no seu caldo de couves, no seu pão negro e na sua bebida favorita. Se adquire algumas virtudes patriarchaes, o amor pelo seu lar, o respeito pela senectude, o gosto dos contos e dos

cantos, a preferencia da lei oral á lei escrita, aprende tambem, sem saber porque, a pensar e a sentir como um Beduino na sua tenda, como um Kirghiz no meio da steppe. Quasi sempre os aldeões trauteam um canto. Quer se encontre cortando um pinheiro, conduzindo para o estabulo o gado, ou assentado á porta de sua casa, tem-se a certeza de lhe ouvir repetir a mesma velha canção d'amor ou de guerra. Se canta uma copla mais viva é um canto d'odio ou de vingança.

Os bandidos são os seus heroes; o rapaz, que não ousa murmurar uma palavra ao ouvido do seu par, entoará com toda a força dos seus pulmões um brado sedicioso como este:

*Je ne travaillerai plus dans les champs,
Que puis-je gagner avec la beche?
Mes mains sont vides, mon cœur malade,
Un coteau! un coteau! Mon ami est dans la forêt!*

Um outro cantará a seguinte estrophe:

*Je pillerai le marchand dans sa boutique,
Je tuerai le noble dans son chateau;
J'aurai mon butin de jeunes filles et d'eau-de-vie,
Et le monde m'honorera comme un roi.*

Um das mais populares canções de salteadores tem por estribilho esta ameaça atirada ao nobre e ao rico:

*Nous sommes venus boire votre vin
Nous sommes venus voler votre or
Nous sommes venus embrasser vos femmes
Ah! Ah!*

Esta indiferença pelo justo e pelo injusto é o fructo da servidão, sobre o qual jugo os aldeões gemeram durante duzentos e sessenta annos.

A oppressão torna os homens insensiveis á vida e á morte. E' difficil encontrar em outro estado, a não ser na vida selvagem, crimes tão nefandos como os praticados pelos servos russos; a mais querida das liberdades para os aldeões libertos é a liberdade de vingança.

Ivan Gorski vivia, em Tambou, n'uma estreita intimidade com uma familia de sete pessoas; um motivo desconhecido creou-lhe

na alma um implacavel odio contra ellas; arranjou uma espingarda e obteve dos seus amigos a licença de se exercitar no pateo da casa. Elles deixaram levantar um alvo e atirar-lhe quanto elle quera, de tal modo que os visinhos se habituaram a ouvir, desde pela manhã até á noite, o barulho d'aquella fusilaria. Era o que o assassino desejava. Quando as cousas estiveram n'este estado, matou as suas victimas, uma em seguida ás outras, sem que ninguem tivesse a ideia de lhes ir prestar soccorro. Preso alguns dias depois não teve uma atenuante com que desculpasse o crime.

Doria Sokolof servira como ama de leite em casa d'uma familia honesta; quando a creança estava crescida voltou para a sua aldeia, tendo-se separado do amo e da ama nos melhores termos. Passaram-se alguns annos.

Um dia veio á cidade vender fructas e legumes, e não tendo encontrado compradores, foi pedir a casa onde creara a creança agasalho para a noite. O marido estava doente; a esposa recebeu-a. A's duas horas da manhã, Doria Sokolof levantou-se, foi ao quarto do seu antigo amo e esmigalhou-lhe o craneo; em seguida foi ao leito da esposa e tambem a matou. Uma criada que acordára teve a mesma sorte. A infernal creatura levou a sua furia até assassinar a creança que amamentára. Um cão que dormia em cima da cama da creança e que tentou ladrar foi tambem morto. Pegou n'um pouco de dinheiro, alguns rublos, voltou para sua casa e dormiu socegradamente. Ninguem d'ella suspeitou, porque ninguem sabia que ella tivesse entrado em casa das suas victimas. Onze mezes se passaram primeiro que se descobrisse qualquer indicio; provas esmagadoras foram colhidas, mas não puderam completamente supprir a falta de testemunhas; Doria foi unicamente condemnada a doze annos de trabalhos nas minas da Siberia.

Será alargando a esphera da sua vida habitual, obrando por iniciativa propria, adquirindo um mais completo conhecimento dos homens e das cousas que o aldeão poderá ser arrancado ás más tradições, aos sentimentos maleficos da sua anterior existencia. Este imperio, onde agora só ha aldeias, teria immensa vantagem em tambem possuir cidades como as outras nações da Europa.

XXVIII

A TSECK E A ARTEL

Grandes obstaculos se levantam ante o aldeão que aspira a ser cidadão. Depois de se ter libertado das suas obrigações para com a communa e para com a corôa, depois de ter chegado ás portas de Moscou com os seus documentos em regra, como viver n'esta grande cidade? Procurando trabalho. Um aldeão francez ou inglez com nenhuma outra coisa se preoccuparia. Mas na Russia tudo se passa d'outro modo. As cidades não são francas, os seus habitantes não podem ir e vir para onde lhes aprouver. São sempre fortalezas occupadas por um exercito, nas quaes qualquer cidadão tem um logar fixo e invariavel.

Ninguem, a não ser nobre de nascimento, tem direito d'habitar Moscou, a menos que não consiga o ser incorporado n'uma das sociedades reconhecidas legalmente — uma *tsek*, uma *gilde*, ou uma *chin*.

A *tsek* é uma associação d'artistas e de adelos; ha a dos alfaiates, a dos cosinheiros, a dos belfurinheiros, cujos membros pagam um pequeno imposto, elegem os seus anciões e elles mesmo, administram os bens da sociedade. O chefe d'esta corporação dá a cada um dos associados um livreto que todos os annos deve ser visado pela policia.

A *gilde* é uma especie de *tsek* d'uma ordem mais elevada, os seus membros gosam do privilegio de comprar e vender; estão isemptos do serviço militar, mas em compensação o Estado exige-lhes um imposto bastante pesado.

A *chin* é um ramo dos serviços publicos, serviços que foram divididos d'uma maneira subtil em quatro cathogorias, desde a classe dos membros d'uma academia até a de conselheiro privado auxiliar. Um aldeão póde entrar na *gilde*, se poder pagar o imposto, mas não é natural que homem que vem a Moscou procurar trabalho traga bolsa recheada. Só a *tsek* lhe é accessivel. Não é necessario que pertença á profissão da sociedade em que quer entrar: um caixeiro póde entrar n'uma *tsek* de sapateiros, um creado n'uma *tsek* de belfurinheiros. Inscripto o novo membro, visam-lhe os papeis e é reconheci-

do como habitante da cidade. Sem tomar estas precauções, o camponez seria preso e expulso pela policia.

Todos os annos o associado deve ir pessoalmente a uma repartição especial, situada na avenida Tverskoi, onde se inscrevem em registros publicos, o nome, o logar onde habita e a profissão de todos os individuos que vivem em Moscou. Deixa lá os seus papeis e em troca recebe uma cedula que lhe permite o demorar-se na cidade durante uma semana; a policia examina os documentos em seu poder, legalisa a assignatura do presidente da associação e põe nos documentos um novo sêllo official. Todas as vezes que se mudar de casa é-se obrigado a ir declarar o seu novo domicilio. Por este serviço prestado pela policia, cada individuo paga o imposto annual de quatro a cinco francos, metade do qual é recebido pela corôa e metade entregue aos hospitaes. O ser socio d'uma *tsek* dá o direito de, estando-se doente ou sendo-se pobre, se ser recebido n'um hospital do Estado, mesmo no caso de não haver logar.

A perda d'esses documentos é para o aldeão russo uma desgraça quasi tão grande como a perda d'uma perna. Torna-se um pária entregue sem soccorro aos odios dos seus inimigos; a unica coisa que tem a fazer é de voltar immediatamente para a sua aldeia, salvo se fôr tão feliz que possa fazer-se immediatamente inscrever nos registros de uma *tsek*; n'esse caso deve apresentar-se ao presidente ou decano e obter um attestado, provando a sua identidade que fará legalisar pela policia.

As fatalidades d'este genero não são raras. Quando um aldeão chega a Moscou, ha sempre um grande numero de probabilidades em que o passaporte lhe seja roubado. N'esta antiga capital ha um mercado chamado Bousculades, onde miseraveis patifes vendem toda a especie d'objectos; pelles de carneiro usadas, ferragens velhas, botas cambadas e santos novos de estanho e de latão. E' ali que os criados se vão contractar; os que chegam de novo á cidade correm ali procurar trabalho. Um mariola chega a um aldeão, e, com maneiras protectoras e desembaraçadas, diz-lhe:

«Quer empregar-se? muito bem; deixe vèr os seus papeis».

Tirando o passaporte do cano d'uma das



O SINO GRANDE E A TORRE D'IVAN VILIKOI — Desenho de E. Therond, segundo uma photographia

botas — é sempre n'este logar que o aldeão guarda a sua bolsa e os seus valores — o ingenuo habitante das campinas apresenta-o ao ratoneiro que n'um instante desaparece por entre a multidão, emquanto que a victima fica com a bocca escancarada, n'um grande espanto lorpa. O larapio sabe perfeitamente onde póde vender esses papeis; desfaz-se d'elles tão facilmente, como se desfaria d'uma pulseira ou d'um relógio.

Um aldeão tornado cidadão de Moscou, admittido n'uma *tsek*, possuidor d'um passaporte visado pelo decano da sua aldeia e legalizado pela policia, em seguida procura uma *artel*, e se tem dinheiro tenta filiar-se.

Uma *artel* é a associação de artistas, tendo a mesma industria, e organizada segundo certas regras, com as quaes o viver dos campos já os familiarisou; n'uma palavra, é uma communa transportada dos campos para a cidade. Os membros d'estas associações reúnem-se com o fim d'augmentar os lucros do seu trabalho e d'assegurar a sua mutua segurança. Nomeam d'entre si um presidente ou decano para tratar dos negocios da comunidade. Accordam em exercer em commum a sua industria, em renunciar a lucros exclusivos e pessoas, em reunirem n'uma caixa geral os ganhos e em os dividir em partes eguaes depois de ser pago o pequeno imposto a que a associação está sujeita. Na realidade a *artel* é, como a communa rural, uma forma do communismo; no campo dividem-se as terras; na cidade vão mais longe, dividem o producto do trabalho, os salarios.

A origem das *artels* perde-se na vastidão insondavel dos tempos. Alguns escriptores da escola paqslavista pretendem encontrar no seculo decimo os vestigios d'uma associação d'este genero; mas a unica prova que aduzem, é a existencia d'uma lei que no caso d'assassinato tornava as cidades e as aldeias solidarias nas multas impostas ao criminoso, lei de que a maior parte dos codigos germanicos nos apresentam exemplos. Segundo a hypothese mais verosimil, o *artel* a uma importação asiatica. O nome mesmo parece proveniente da lingua tartara e em parte alguma, antes do reinado dos grandes duques, tartarisados de Moscou, Ivan III e Ivan IV, não se encontra esta fórma d'associação em uso entre os Russos. Provavelmente foi implan-

tada ao mesmo tempo que a communa e a servidão.

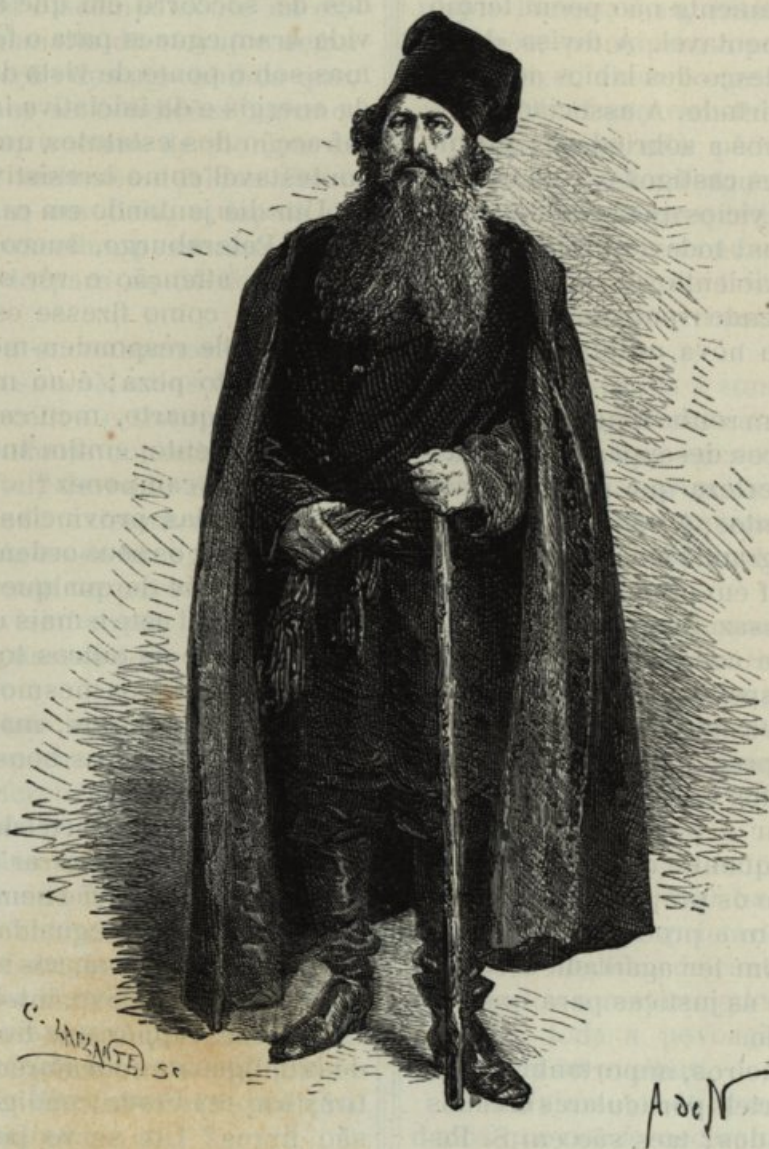
A primeira *artel* de que se tem conhecimento era uma quadrilha de ladrões que vagueava, roubando as casas, assistindo a bodas e a festas, onde não contentes de comer e beber com um appetite pantagruelico, ainda levavam vinho, iguarias e a propria baixella. Este bando elegia um chefe a que chamava *ataman*. Compromettiam-se a não se desligarem quer corresse bem ou mal a sua industria. Nenhum d'esses miseraveis podia ir para onde queria, ou roubar por sua conta. O producto dos roubos reunia-se e era dividido em partes eguaes pelos membros da quadrilha.

Estas associações de ladrões devem ter sido fortes e prosperas, pois que o principio da associação passou intacto, ou quasi intacto, para a vida social e industrial das cidades. Os burguezes deram-lhe o nome d'*artel* e transformaram o *ataman* em *decano* e em quanto ao resto copiaram tudo. As primitivas *artels* tinham um regulamento muito simples. Os membros formavam uma corporação que estreitamente os unia; obedeciam a um chefe eleito pelo voto de todos; cada um devia desempenhar o cargo para que tinha sido escolhido, não se podiam recusar ao que d'elles a sociedade exigia; era-lhes prohibido o embriagarem-se, jurar, jogar, zangarem-se uns com os outros; emfim a mais completa fraternidade formava a base da associação. Mais tarde introduziram-se novas disposições com o fim de dar aos herdeiros dos socios direitos sobre o fundo commum. O regulamento determinou que a quota-parte do defunto podesse ser herdada pelos filhos d'este se os tivesse, ou pelos seus parentes mais proximos. Assim a propriedade era indivisivel no que respeita ao emprego, aos meios de trabalho e pessoal, no que respeita á repartição dos lucros. Todas as *artels* adoptaram a divisa: «Honradez e sinceridade».

Estas associações na sua origem eram apenas corporações d'artistas que mutuamente queriam auxiliar-se e em commum soffrer e vencer as difficuldades da vida das cidades, do mesmo modo que a communa era uma associação de agricultores formada para, em commum, soffrer as miserias da vida dos campos. Estas duas instituições nasceram da consciencia que os homens, que luctavam in-

dividualmente contra as duras necessidades do tempo e do meio, tiveram da sua fraqueza. Os artistas procuraram no numero e no apoio reciproco uma protecção contra a falta de trabalho; os aldeões contra os ataques dos lobos e dos ursos, contra as chuvas torrencias e os turbilhões de neve que todos os

annos os faziam soffrer. Uma artel era, como a communa, uma republica investida do direito de reunião, do direito de eleição, do direito de impôr multas e outras penalidades. Não era embaraçada por ingerencia alguma de poderes. Os seus membros faziam o regulamento, obedeciam aos chefes que tinham



UM NEGOCIANTE RUSSO — Desenho de A. de Neville, segundo uma photographia

escolhido, formavam no sentido mais restricto da phrase, um Estado no Estado. Estas associações prosperaram porque todas as classes lucravam com ellas; a artel com effeito offerece aos chefes d'estabelecimentos as mesmas vantagens que a communa presta aos ministros da fazenda e guerra.

Para procurar um caixeiro, um banqueiro inglez procura-o entre os empregados dispo-

niveis na praça de Londres; contracta um guarda-livros ou um caixa, dando fé a um attestado, mais ou menos veridico. Leva-o para sua casa sem ter a certeza de levar um homem honrado. Um banqueiro russo dirige-se ao decano d'uma artel, examina-lhe a lista e feita a escolha tracta com a associação. Não exige garantia, não pede attestado; pôde levar o empregado com a maior confiança, a

artel responde pelo seu associado com todo o seu fundo social. Se o caixeiro fôr um larápio, o banqueiro queixa-se ao decano e provado o roubo é completamente reembolsado.

E' preciso confessar que estes abusos de confiança são assaz raros. Apropriar-se do que a outrem pertence é o vicio dominante de todas as raças orientaes; mas as artels comtém, se completamente não poem termo a esta inclinação lamentavel. A divisa «honradez, sinceridade» desce dos labios ao coração e torna-se uma virtude. A associação impõe aos seus membros a sobriedade; prohi-be sob pena de graves castigos o jugo e a intemperança; muitos vicios que levam ao roubo são assim coitados; todavia muitas vezes a tentação é muito violenta; um empregado de confiança foge tendo roubado o patrão. N'esta occasião uma nova utilidade das artels é descoberta.

Foi commettido um roubo n'uma casa bancaria, um dos caixeiros desapareceu e o dono da casa tem a certeza que empregado e dinheiro partiram juntos. A policia é avisada; mas Moscou é uma grande cidade e por mais habil que seja Rebrof em prender os ladrões, não tem sabujos assaz finos para agarrar um larápio que tinha commettido o seu primeiro roubo e a respeito do qual não tem indicações. Mas o decano da artel conhece o homem que elle empregou, os consocios conhecem-lhe os habitos e tem o maior interesse em o entregar á policia, porque são obrigados a pagar a quantia roubada. Assim, immediatamente, são os próprios associados da artel que começam a procurar o ladrão e nunca descançam sem ter agarrado o criminoso, que é entregue ás justicas para que expie o crime praticado.

Os grandes banqueiros, importantes casas commerciaes tem artels particulares creadas pelos seus empregados; taes são em S. Petersburgo o barão Stieglitz; em Moscou, Mazourin e Alexief. A joia n'umas e n'outras d'estas associações é consideravel — termo medio um milhar de rublos ou 684 mil reis; muitas vezes esta joia é paga em prestações. Os associados vão trabalhar para qualquer ponto em que sejam empregados pela artel. Não tocam nos seus honorarios, que são pelo patrão entregues ao decano que divide igualmente por todos os consocios os redditos communs. Até um certo tempo nenhum dos as-

sociados podia receber mais do que os outros. Mas desde os ultimos annos o artigo dos estatutos que prohibia o receberem-se presentes individualmente tem sido infringido e o presente feito pelo patrão ao caixeiro muitas vezes representa um valor maior que o dividendo social. Esta inovação destroe o antigo character das artels que eram sociedades de socorro em que as difficuldades da vida eram eguaes para o forte e para o fraco; mas sob o ponto de vista do desenvolvimento da energia e da iniciativa individual ha n'esta infracção dos estatutos um progresso tão incontestavel como irresistivel.

Um dia jantando em casa d'um banqueiro de S. Petersburgo, sueco d'origem, despertou-me a attenção o vêr o ar intelligente do copeiro e como fizesse esse reparo ao amphitrião elle respondeu-me: «Oh! esse rapaz vale quanto peza; é ao mesmo tempo meu creado de quarto, meu caixeiro, meu caixa, meu intendente, emfim tudo.

— E' um camponez?

— Sim, das provincias do sul. Serve-me baratissimo; os seus ordenados não são maiores do que os de qualquer patife sem prestimo. Admitti este e mais uma duzia d'outros e elle só vale os outros todos.

— Dá a todos os mesmos ordenados?

— A' artel damos; mas, chut! costumamos recompensar os bons serviços com magnificos presentes.

— D'esse modo a artel desvia-se do seu primitivo fito, o de assegurar a todos os associados uma remuneração semelhante, de estabelecer no mundo a egualdade, dando aos fracos, aos preguiçosos, aos idiotas igual salario que ao homem activo, intelligente, laborioso?

— Póde suppôr que homens de energia e de intelligencia se matarão com trabalho sem tirar um resultado condigno, agora que elles são livres? Um servo podia fazer isso; estava sob o terror do knout; não tinha noção alguma dos seus direitos, trabalhava para os outros toda a sua vida. A artel é uma cousa util; ninguem, e um banqueiro estrangeiro menos que qualquer outro, deseja que a instituição morra; todavia tende a desaparecer ou pelo menos a modificar-se com o tempo. Se não encontrar meios de chamar ao seu gremio os homens mais habéis, rétribuindo-os segundo os seus merecimentos, morrerá.

(Continúa).

CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA

(Continuado do numero antecedente)

(GOUVEIA 15 DE AGOSTO)

No dia 12 deixei o acampamento da expedição no planalto da serra, e segui para Ceia com a secção dos agronomos que, depois de estudarem as condições agronomicas da montanha, tractam de alongar os seus estudos pelas vertentes e faldas d'ella. Ante-hontem ficaram em Ceia, e depois de estudarem aquelle concelho, passaram a este de Gouveia, seguindo para os de Celorico e Guarda.

No hotel de Ceia encontrámos as malas dos archeologos, os snrs. Martins Sarmiento, Joaquim de Vasconcellos e Gabriel Pereira, que andam explorando os concelhos de Ceia e Oliveira do Hospital, devendo seguir para este de Gouveia, onde existem alguns dolmens e muitos vestigios de occupação remotissima, nomeadamente na povoação de Folgoso e suas convisinhanças.

D'este concelho passarão aos de Celorico, Guarda e outros.

Tem tido um labor insano a secção archeologica, mas espera apresentar-se brilhantemente na conferencia geral.

Dizem-nos que na povoação de Folgoso ainda ha familias que se orgulham de descenderem do grande Viriato, que foi o terror dos romanos.

Acompanhou-nos desde o acampamento até Ceia o snr. major Brito Capello que, por força de circumstancias, teve de regressar a Lisboa. Na sua ausencia foi nomeado presidente da commissão directora da expedição o snr. dr. Sousa Martins.

No dia 11, vespera da nossa partida do acampamento, foi sondada a *lagôa escura*, que tem dado assumpto a muitas lendas e da qual os habitantes da serra se abeiraram sempre com pavor. Por occasião da sondagem affluiram muitos visitantes de Manteigas, Loriga, Pinhel, Guarda, Ceia e outras povoações, e, depois que viram os membros da expedição cruzal-a em barcos sem perigo, perderam o medo, e cinco moços de Manteigas a atravessaram nadando. Tambem quiz

atravessal-a da mesma fórma o alferes de artilheria Brito e Cunha, vogal da secção photographica, de que é presidente o snr. major Torres, mas, antes de chegar ao meio da lagôa, principiou a perder as forças; retrocedeu, e, ainda longe da margem, ia succumbindo. Lançaram-lhe de terra boias de salvação, mas não pôde firmar-se n'ellas. Lançou-se então á agua, meio vestido um moço de Manteigas que já havia atravessado a lagôa duas vezes nadando, Carlos Baptista Leitão, e conseguiu trazer para terra são e salvo o joven e sympathico alferes Brito e Cunha.

Não assistimos á sondagem, mas soube-mos que a *lagôa escura* na sua maxima profundidade apenas accusou cerca de 17 metros, e a *lagôa cumprida* 11.

A estas horas devem ter continuado as sondagens das lagôas dos Cantores, do Pa-xão, Redonda, etc.

Na descida do acampamento para Ceia passamos na freguezia do Sabugueiro, que está mettida no fundo d'uma grande bacia dentro da serra, cercada por altos montes de todos os lados, e todos os annos no inverno bloqueada pela neve que a torna muitos dias incommunicavel.

E' uma povoação antiquissima de 40 a 50 fogos com 160 a 200 habitantes, todos pobres. O maior proprietario da localidade não colhe 300 medidas de centeio, sendo o centeio e os gados a maior riqueza d'aquelles infelizes. Em toda a povoação, na actualidade, haverá 1:500 ovelhas.

O movimento da parochia, segundo os dados que nos forneceram, pôde computar-se em 4 a 6 obitos por anno, — 6 a 8 nascimentos e 2 casamentos! A igreja é o melhor edificio da povoação; está bem situada a meio d'ella, — foi restaurada nos ultimos annos, — tem 2 altares lateraes e altar-mór, todos de talha dourada, antiga, d'algum valor, e algumas alfaias de prata que servem unicamente nas duas festas principaes — a do Corpo de Deus e a do Coração de Maria.

Em volta da igreja ha um pequeno adro, vedado por um muro com uma pequena por-

ta de ferro, e no adro, que serve tambem de cemiterio, entrando á direita, se vê um carvalho respeitavel, medindo no tronco cêrca de tres metros de circumferencia. Foi a arvore mais notavel que encontramos desde o acampamento até ás alturas de Ceia, e dá muito relevo á egreja matriz, cuja frente o snr. Mendes Lopes desenhou, bem como um velho chafariz que está a pequena distancia, encimado por um brazão com armas reaes — 5 chagas e 7 castellos.

Sentimos não ter occasião de visitar o santuario de Nossa Senhora do Desterro, junto de S. Romão de Ceia, que é um dos santuarios mais pittorescos e interessantes

da Beira. Hoje deve haver ali grande festividade e romagem.

De Ceia seguimos na diligencia de Coimbra para esta villa de Gouveia, para assistirmos ás festas, feira e romagem do Senhor do Calvario, hoje as festas mais luzidas e mais notaveis n'estas circumvisinhanças.

(Conclue).

P. A. FERREIRA.

A gravura que, sob o titulo *A Ferrença*, publicamos a pag. 325, é cópia d'uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex.^{mo} snr. Carlos Relvas.

A REDACÇÃO.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

Os barracões de D. Pedro, vastos e bem arejados, podiam conter de mil a mil e quinhentos negros; homens armados vigiavam de dia e de noite os prisioneiros, os mais perigosos dos quaes estavam carregados de ferros. Estes edificios assemilhavam-se mais ás galés, do que a uma feitoria.

D. Pedro vivia n'este tristonho lugar como um nababo africano; segundo a moda dos chefes d'estas regiões possuia uma grande quantidade de mulheres afamadas pela sua belleza.

Pedro Blanco deixou Gallinhas em 1839; pouco tempo depois as expedições inglezas queimaram os seus barracões. Pelas suas riquezas e pela sua reputação de generoso adquirira uma grande influencia nos chefes d'aquella região, que disputavam os seus favores e ambicionavam o encher-lhe os seus armazens; d'estas rivalidades entre os indigenas tinham resultado guerras sanguinolentas que tinham despovoado a costa.

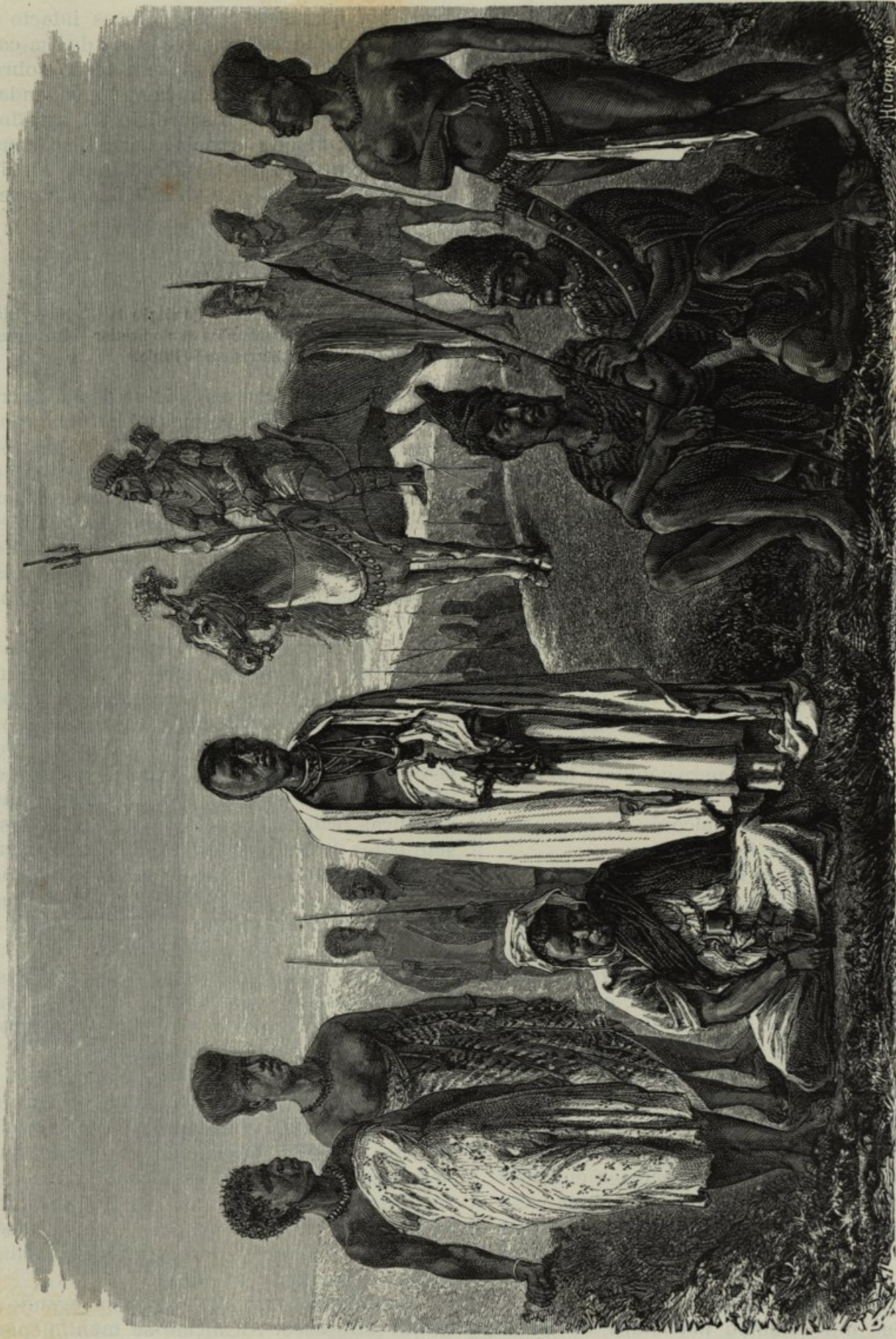
O rio Gallinhas é estreito, tortuoso; pelo tempo de syzygias a barra é má. Na embocadura formaram-se umas pequenas ilhas que se cubriam d'uma vegetação parasita composta principalmente de mangles e cannas. As ilhotas d'este estuario teem muitos observadores ou sentinellas vigilantes que com os olhos fitos no alto mar avisam os seus da chegada dos amigos ou dos inimigos.

O cabo Monte é formado por umas montanhas d'altura de seiscentos metros facilmente avistadas a uma distancia de dez legoas. O rio tem uma barra em que se entra sem difficuldade; a costa fórma um pequeno cabo perto da margem esquerda podendo-se fundear n'esta pequena bahia; quando os ventos são da terra o mar n'aquelle lugar não tem arrebentação.

Os chefes do cabo Monte descendem, dizem elles, d'uma familia franceza; teem a côr menos carregada que os outros negros: a população do cabo Monte pertence aos Weys: falla o gurão, dialecto pouco espalhado.

As aldeias do cabo Monte são defendidas por uma pallissada alta; algumas peças de artilheria de ferro estão assestadas nas canhoneiras abertas na palissada; umas banquetas attestam tambem que os seus habitantes teem algumas noções da arte da defeza. As surpresas são frequentes, por isso vigilantes sentinellas estão alerta de dia e de noite.

Fanatoro tinha sido um guerreiro intrepido; quizeram depôl-o. Novo Mutius Sevola molhou um dos seus dedos em azeite a ferver e desafiou o seu rival a que supportasse egual dôr com o mesmo estoicismo. Excessivamente vingativo uma vez arrancou o coração do peito d'um chefe inimigo que uma embuscada fizera cahir em seu poder; mais



MULHERES TIMANIAS.

MAHABUTOS MANDINGUES.

TYPOS DA COSTA D'AFRICA — Desenho de P. Sellier, segundo um esboço offerecido pelo auctor

GUERREREIROS MANDINGUES.

MULHER TIMANIA.

HILDEBRAND

socegado nos fins da sua vida lamentava-se pelo estado d'enfraquecimento em que cahira o seu povo.

Alguns traços dos mollahs ou marabutos mandingues, mostrarão a influencia que estes homens exercem sobre os negros. Quer se trate de roubar um escravo ou um carneiro as artes são sempre as mesmas. Citaremos um exemplo:

Os Weys conservam com um cuidado parcimonioso os seus carneiros e os seus bois; os carneiros são destinados aos sacrificios offerecidos aos manes dos antepassados e ás ceremonias funebres. Um negociante do cabo Monte havia ha muito tempo que não tinha comido carneiro; chama um marabuto a quem promette uma recompensa se lhe arranjar um. Nem tanto era preciso para estimular o marabuto que era mestre em burlas. No dia seguinte de manhã chega junto do chefe Peter Gray com um ar sombrio; o chefe assustado pergunta-lhe o que tem; o marabuto recusa-se a fallar, mas por fim novas instancias e novas supplicas resolveni-no.

«Bastante tenho de que estar triste, por que és tu quem me causa uma grande afflicção; tive esta noite uma horrivel visão. A tua aldeia de Tasso estava em chamas; o inimigo jurara arruinar-te completamente.

— Falla homem de Deus, responde Peter; que é necessario fazer para conjurar tal desgraça?

O marabuto folheia o alcorão e não encontra o remedio; por fim exclama.

«Um unico meio te resta para escapares á desgraça que te está iminente: pega n'um carneiro preto, ata-lhe as mãos e as pernas, cobre-o com pannos e por cima de tudo manda-o matar por um escravo; talvez que este sacrificio seja agradável a Deus, que é todo poderoso.

Peter obedeceu; o marabuto faz os seus exorcismos, faz levantar o escravo, ordena que o mandem para logar seguro a fim de servir d'emissario. Mas deve levar os pannos que pertencem ao marabuto. A garganta do carneiro é cortada; as principaes entradas d'aldeias são regadas com o sangue da victima; queima algumas gorduras que offerece como holocausto, recolhe cuidadosamente as cinzas que dá a Peter Gray dentro d'um chavelho. Em seguida diz-lhe:

«Tens um talisman mais forte do que o

fogo; em quanto tu o conservares intacto e que tu com elle esfregares a porta da tua cabana, o genio do mal será sem acção sobre ti e o incendio não penetrará na tua vivenda.

«Agora alegra-te, o sacrificio foi agradável a Deus; manda arranjar o carneiro, mas recorda-te que foi por ti offerecido em sacrificio e se lhe tocas sem virtude ficará a cerimonia.

XIV

Costa de Crou — Os Crumanos — Fundação da Liberia — Cabo das Palmas — Communicações com o interior — Mandingues — Mousardou — Culturas em S. Paulo.

A região do Crou estende-se desde Sherboro até ao cabo das Palmas; é habitada por tres ou quatro povos apenas distinctos: os Weys habitam entre Sherboro e o cabo do Monte; os Deys e os Golas seguem-se-lhes e vivem nos arredores de Mesurade; os Mé-nas propriamente ditos ou Crumanos estão em seguida aos Golas; os Grebos vivem nas visinhanças do cabo das Palmas e estendem-se até Santo André.

Os caracteres geraes d'estes povos são: a facilidade d'entrar em relações com os Europeus; o desejo que mostram em servir os brancos. A sua fidelidade e vigor são proverbiaes. O traje de trabalho é ligeiro, consistindo n'um panno de quadrados atado em volta dos rins e n'um chapéo. As suas formas athleticas brilham ao sol como se elles fossem feitos de marmore preto. Só quando tem um regular peculio é que se vestem como os marinheiros. As suas tradições ensinam-lhes ter vindo do nordeste em tempos remotos; a sua lingua é um derivado do ména.

A circumcisão está em uso entre os Weys.

Os Crumanos consideram a terra common; não apreciam o valor d'um contracto que dê a perpetuidade do terreno.

Dividem-se em pescadores, agricultores e guerreiros. Os pescadores tripulam pirogas ligeiras recurvas na pôpa e prôa, d'uma grande marcha. Seguem facilmente um navio que deite cinco a seis nós; esta gente vem offerrecer os seus serviços com as gallinhas dependuradas em volta do pescoço e da cabeça; alguns cabritos e porcos grunhem semi-afogados no fundo da piroga.

Este mercado no alto mar e navegando é muito pittoresco. Alcançam-se mantimentos



ARREDORES DE COIMBRA: O CHOUVAL.—Segundo uma photographia obsequiosamente cedida pelo exc.^{mo} sr. Carlos Relvas, e gravura de Th. Hildebrand

HILDEBRAND sc.

frescos em troca de tabaco, de rhum, de garrafas vazias, de tecidos e de missangas.

Os pescadores teem o nariz *tatuado* d'azul, afim de não serem confundidos com os escravos; formam uma sociedade particular no

meio da nação e administram-se sob a fórma geroncratica. São elles que completam as nossas tripulações e algumas vezes tornam-se bons marinheiros; todavia preferem ser catraeiros a creados. Os Yollofs são superio-



GUERREIROS DO TASSO — Desenho de P. Sellier, segundo uma aguarella da Exposição do Ministerio da Marinha e Colonias

res como marinheiros. Não podem fazer commercio no interior e reciprocamente os do interior não podem gosar dos seus direitos na exploração do mar; são pescadores experimentados.

Montserrat ou Mesurade, tal é o nome d'um cabo de mediana altura cujo prolongamento pelo mar dentro é quasi nullo e que se acha a quatro milhas ao sul de S. Paulo;

Mesurade tornou-se celebre pela colonia que n'este local fundaram os Americanos de Philadelphia.

Desde 1817 que se tinham subscripto grandes sommas para enviar para Africa os escravos emancipados que difficilmente encontravam empregos nos Estados-Unidos, onde a população os tratava como párias. Em 1822 começou-se a fundar a nova colonia, cuja ca-

pital tomou o nome de Morovia. O cabo Mesurade era então um ninho do trafico da escravatura, quasi tão celebre como o cabo Gallinhas. Os indigenas chamados Golas, tomaram sob a sua protecção os libertos americanos aos quaes cederam o territorio em que está situada a cidade; um pequeno forte foi o ponto em volta do qual se agruparam os emigrantes; os Weys do cabo Monte correram para abafar esta colonia nascente que ameaçava a sua independencia; numerosas pelejas se deram junto d'aquella fraca obra de defeza.

Ha mais de trinta annos, um dos heroes d'estas pugnas contou-me as perplexidades d'estas luctas: as creanças e as mulheres

carregavam as armas; a fome ceifava-os; os assaltantes ameaçavam passar todos ao fio d'espada. A consciencia com que fizeram frente a este perigo e a fidelidade dos seus alliados, os Golas, deram a independencia á Liberia que occupa hoje um lugar entre as nações.

Depois de 1854 a Inglaterra, a França e America reconheceram este novo estado que é governado por leis modeladas pelas da sua metropole.

Harper situada no cabo das Palmas recusou-se a fazer parte da Confederação e continua a receber subvenções d'America.

(Continúa).

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do n.º 20)

Nª resposta a isto devemos dizer que sentimos e continuamos a sentir que a politica adoptada pelo Governo Britannico a respeito da chamada questão de fronteiras, tem sido tal que auctorisa o Ketchwayo na sua opposição para com o Governo do Transvaal. Por muitos annos as pretensões do Transvaal áquella facha de territorio foram intencionalmente ignoradas; e no entanto Sir T. Shepstone pôde logo depois da annexação, como se vê no seu despacho de 2 de janeiro de 1878, informar que as pretensões da Republica ao territorio disputado eram «provadas por testemunhos dos mais incontestaveis, evidentes e claros.»

A respeito do Secocoeni deu-se a mesma cousa. Disse-se que a guerra contra elle era uma guerra injusta e aggressiva. Negou-se a justiça das pretensões da Republica á terra que elle occupava, e declarou-se que o regulo nunca fôra de *jure* ou de *facto* vassallo do Transvaal.

Logo que o Transvaal foi annexado, o Governador Sir T. Shepstone mandou informar o Secocoeni, que só lhe seria permittido permanecer em territorio do Transvaal, com a condição de se elle considerar vassallo, e ordenou-se-lhe ao mesmo tempo que pagasse a indemnisação de guerra que o Governo anterior lhe tinha imposto.

Só nos resta alludirmos á parte final da vossa carta em que depois de recommendardes que nunca o nosso povo se lembre de recorrer a meios que não sejam de paz, asseguraes-nos do desejo que Sua Magestade tem de que se não perca tempo em dar cumprimento ás promessas feitas na annexação, e bem assim do empenho que tendes de angariar a nossa cooperação, e a d'aquelles em favor de quem a vós nos dirigimos, para tentarmos chegar a um accordo sobre o futuro governo do paiz.

Aproveitamos a primeira occasião de declarar que nós pessoalmente não cederemos a ninguem no desejo de manter a paz e que dissuadiremos do caminho errado aquelles que fossem tão mal avisados que andassem diversamente.

Devemos comtudo dizer, que, visto não ter o povo do Transvaal, que nós aqui representamos, nunca considerado a acceitação das promessas de Sir T. Shepstone, (mesmo que ellas fossem liberalissimamente cumpridas) como o preço da sua independencia, iriamos alem das nossas attribuições como delegados para um determinado fim, se aqui discutissemos os pontos que mencionaes.

Em vista das dissensões que por lá vão, tencionamos não perder mais tempo, e partir para darmos conta do resultado da nossa missão, e cumpriremos o dever de commu-

nicar ao povo, tanto quanto vós nos habilitastes a fazel-o, a intenções do Governo de Sua Magestade com relação ao Transvaal.

Temos a honra de ser Senhor, vossos obedientes servos. —(a) *S. J. P. Kruger* — *P. Joubert*, Delegados — *W. Eduard Bok*, Secretario — Ao muito honrado, Sir Michael Hicks-Beach, Principal Secretario d'Estado de Sua Magestade para as colonias.

Carta do Ministro aos Delegados

Rua Downing, Londres 16 de seten'ro de 1878

SENHORES :

Recebi a vossa carta de 23 d'agosto, na qual respondeis extensamente á carta que vos dirigi a 6 d'agosto, e me dizeis que tencionaes voltar para a Africa do Sul brevemente.

2 Vejo que vos julgastes obrigados a insistir em umas relações entre o Governo de Sua Magestade e o Transvaal, as quaes, segundo eu já vos tinha informado, e apesar de estar eu actuado pelos mais amigaveis sentimentos, não possa admittir que sejam justas e possiveis. Vejo tambem que apresentaes novas representações tendentes a corroborar o vosso pedido de ser retirada a soberania da Rainha. Não me parece que nenhuma vantagem tirariamos se continuassemos a discutir sobre este assumpto; mas não deveis d'aqui concluir que por isso eu admitta a validade dos vossos argumentos, ou que segundo o meu modo de ver, as conclusões que tentastes estabelecer, possam rasoavelmente deduzir-se dos factos em questão.

3 Não terminarei porém esta correspondencia sem manifestar a esperança, que, quando chegardes ao Transvaal, informareis aquelles que aqui vos deputaram, que comquanto o Governo de Sua Magestade não possa acceder ao determinado pedido que viestes apresentar-lhe, prestou a sua mais seria consideração, não só ás necessidades materiaes da Provincia, mas tambem á melhor maneira de se conservarem as feições do systema administrativo transacto, a que o sentir do povo dá tanto valor.

4 O Governo de sua Magestade tem em mente que o Transvaal ficará constituindo

uma comunidade una e separada, reunida porém aos paizes visinhos, para fins que a todos sejam communs, em uma confederação sul-africana, cujo centro seria a colonia do Cabo. Possuirá uma organização que lhe garanta na maior escala a sua individualidade e poderes de governo sobre si, sob a soberania da Rainha.

5 Confio que em breve poderei auctorisar o Alto Commissario de Sua Magestade a fazer algumas importantes revelações politicas que não de satisfazer o povo, especialmente com relação a provisões definitivas da constituição que se hade estabelecer. É obvio, porém, que se tornará necessario, como preliminar d'essas providencias, que ellas sejam primeiro a fundo ponderadas e discutidas na Africa do Sul, por o Alto Commissario de Sua Magestade e pelo Governador do Transvaal, sendo ouvidos os habitantes da Provincia ou representantes seus.

Parece-me que considerareis do vosso dever, quando regressardes, aconselhar os vossos amigos e constituintes a seguirem o Governo de Sua Magestade no espirito amigavel que deseja manter, e a promoverem por todos os meios, uma obra de tanta magnitude para o futuro do paiz. Confio egualmente que direis, quanto o Governo de Sua Magestade espera que se aguardará n'este assumpto a sua acção, antes de se tomarem quaesquer decisões precipitadas.

Seria muito para lamentar, se por impaciencia ou desconfiança, qualquer dos vossos compatriotas acarretasse sobre si a grave responsabilidade de abandonar a Provincia, n'uma occasião em que ella tem as maiores probabilidades de progresso, sob um regimen de Governo baseado nos principios que vos indiquei.


É porém, acima de tudo necessario que o Governo constituído seja respeitado, e que um comportamento pacifico e ordeiro seja por todos adoptado, quaesquer que sejam as ideias politicas das pessoas que folgariam mais sob uma ordem diversa de acontecimentos.

Sou, Senhores, vosso obediente servo — (a) *M. E. Hicks-Beach*. — Aos snrs. Kruger e Joubert.

(Continúa).

PELO MUNDO

EUROPA

 aldeia suíça chamada Elm, que ha pouco foi destruída pelo esboroamento da montanha a que estava encostada, fica a tres horas e um quarto de distancia de Glaris, percorrendo-se aquelle caminho em carroagem.

Elm é o ponto mais elevado d'esta região; está á altitude de 980 metros e durante o inverno está dias e dias sem vêr um raio de sol.

— M. de Montgascon, ministro plenipotenciario de França no Montenegro, foi encarregado da missão scientifica d'explorar geographica e archeologicamente as differentes regiões do Montenegro e principalmente o valle de Zéla.

— Tornou-se necessaria uma nova demarcação de fronteiras entre a Prussia e a Russia, porque o rio Posna, que até ao presente era a linha que demarcava a fronteira entre os dois paizes, abriu um leito, de maneira que uma porção consideravel do territorio russo está hoje encravado no reino da Prussia.

Foi a Poseu, com o fim de regular com as auctoridades do ducado as difficuldades que esta imprevisita annexação poderia levantar entre os dois governos, o manjor Lange.

— A população do reino da Prussia propriamente dito apresenta um total de 27,278:395 habitantes, assim divididos pelas diversas provincias:

Prussia oriental, 1,933,936; Prussia occidental, 1,405,898; Brandeburgo, 3,398,091; Pomerania, 1,540,034; Ducado de Posen, 1,703,397; Silesia, 4,007,473; Saxe, 2,312,007; Hanover, 2,120,168; Ilsvig-Holstein, 1,127,149; Westphalias, 2,043,242; Hesse-Nassau, 1,554,376; Hohenzollern, 67,524; Prussia rhenana, 4,074,100.

N'esta ultima provincia o numero d'habitantes por cada districto governamental é o seguinte:

Minden, 504,657; Aunberg, 1,068,041; Wiesbaden, 731,425; Canel, 822,951; Coblenz, 604,052; Dusseldorf, 1,591,369; Colonia, 702,934; Treves, 651,648; Aix-la-Chapelle, 524,097.

Só a população de Berlin avalia-se em 1,122,440 habitantes.

ASIA

Um telegramma de Victoria, (Columbia britanica) com data de 17 de setembro diz que na vespora tinha sido encontrada na costa oeste d'America uma grande boia que se reconheceu ser uma boia russa da embucadura do Amor. D'este facto conclue-se que existe uma corrente n'aquelle sitio da costa do Japão.

— O recenseamento da população da India apresenta-nos o total de 252,541,210 habitantes.

Desde 1871 augmentou por tanto aquella população 12,788,565 d'individuos.

AFRICA

Nachtigal foi o unico Europeu que viu no seu proprio paiz os Toubous, ou gente de Tou— é o que quer dizer o nome. — Depois de os ter estudado, de-

pois de mais tarde ter aprendido a sua linguagem emittiu, n'uma das sessões da Sociedade de Geographia de Berlin, a opinião que tudo affasta os Toubous dos negros do Sodan para os aproximar da grande familia berbere. As proporções do corpo, a regularidade das feições, a brancura da pelle em muitos d'estes individuos, o normal desenvolvimento dos ossos do nariz, a ausencia de prognatismo, a instituição aristocratica da sua sociedade, a posição distincta occupada pelas mulheres são outras tantas razões para os affastar do grupo negro e aproximal-os dos Berberes.

Henrique Barth demonstrou o proximo parentesco existente entre a lingua dos Toubous e a dos Kanouris do Bournou que se supõe puramente negros e portanto concluiu que os Toubous eram negros, Lepsius provou que a lingua dos Toubous é inquestionavelmente lingua de negros, postoque tenha perdido os caracteres proprios á lingua dos negros.

A isto Nachtigal respondeu que diversos depoimentos historicos affirmam ter havido uma emigração de Toubous para o paiz dos Kanouris; que Macrisi e Leão, o Africano fallam d'essa emigração; que os Kanouris de Bournou são evidentemente um povo crusado, em quem os vestigios d'elementos toubous são ainda visiveis.

Tanto os Kanouris, como a sua lingua, tiveram um ponto de partida, mas não na Africa do Norte, no paiz dos Toubous; em seguida e a sua linguagem com elles, misturados, adaptados a elementos negros transformaram-se, mas o idioma conservou particularidades que evidenciam um frisante contraste com as linguas puras de negros. E' portanto um erro affirmar que os Toubous são negros porque a sua linguagem tem estreitas relações com o kanouri.

AMERICA

A maior extensão dos Estados-Unidos, d'Este a Oeste, é de 2,800 milhas; a maxima largura, de Norte ao Sul, é de 1,600 milhas. A largura media é de 1,200 milhas.

— A Carolina do Sul é sem duvida o Estado d'America em que a população negra é proporcionalmente mais numerosa; é muito superior á população branca. Segundo o ultimo recenseamento existem 604,235 negros e 391,071 brancos.

Nove decimos dos pretos e unicamente dois terços dos brancos se entregam á agricultura; os brancos possuem a maior parte dos terrenos, mas são os negros que os agriculturam.

O algodão é um dos principaes productos agricolas e dois terços da colheita é devido ao trabalho dos pretos.

— Noticiam o regresso a Glowcester da expedição scientifica nos mares do norte d'America, dirigida pelo professor Hyatt, a bordo do Yacht *Arctusa*. A expedição durou dois mezes e avançou até Auticosti, d'onde trouxe uma curiosa colleção d'especimens dos tres reinos da natureza.



ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS

ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS

(GOLLEGÃ)

Não ha ninguem que conheça as nossas aldeias, a orientação egoista e grosseira do capital entre nós, e ainda mais, as manifestações limitadas e rachiticas da nossa actividade artistica, que não fique lisonjeiramente impressionado pelo aspecto attrahente da Gollegã e que não experimente uma surpresa profunda e catechisante, devinando de longe atravez as commas acinzentadas das oliveiras que povoam seus campos, a miniatura, por assim dizer, esmaltada d'esse *primor*, contornado pelos feitios caprichosos das suas lampercans rendilhadas e enfeitado pelas curvas suavissimas das suas ogivas soberbas, com as arcarias fulgentes da sideração dos sonhos.

Construido na elevação pittoresca d'um formosissimo jardim, esse atelier d'uma reputação verdadeiramente européa, como que recebe da vegetação luxuriante e compacta que o cerca, o colorido ardente e tropical que o envolve.

Eucalyptos gigantes perfumam-o com seus aromas subtis, palmeiras dolentes confiam-lhe os queixumes sentidos da sua nostalgia mortal, e a hera viçosa, estendendo-lhe os tentaculos famintos da sua tradicional constancia, abraça-o em desejos febris da sua vegetação fugosa.

E assim, erguido n'essa photosphera de encantos com que a natureza o circunda, o seu vulto infantil desenha-se no céu com expressão meiga d'um riso, erisado por colorações translucidas e estranhas, fazendo lem-

brar na sua projecção phantastica, os palacios encantados das lendas.

No seu interior, vastos salões povoados de scintillações valiosas, gabinetes sombrios sobrepujados de frascos com exhalações irritantes, o grande quadrilongo envidraçado e abrazador na sua atmospha d'estufa, os paineis, os vasos, as machinas vestidas nas suas capas como guerreiros das edades heroicas, emfim toda essa multidão de adornos destinados ao ENSEMBLE das producções photographicas, tudo se acha ahi disposto n'uma profusão distincta e severa, banhado pela athmosphera balsamica dos campos, ante a serenidade transparente do céu, forçando a uma contemplação nervosa e estatica.

É esse atelier principesco da Gollegã que se vê representado na gravura que acompanha este artigo; ella é a copia fiel d'uma primorosa photographia de Carlos Relvas. O valor d'esse nome no mundo artistico, os seus merecidos triumphos, e as distincções não vulgares que tem merecido das academias e da critica do mundo inteiro, substituem vantajosamente tudo que poderemos dizer em sua apologia. Mas, Carlos Relvas, não é sómente um artista distincto, é uma individualidade de alta significação social: pertencendo á classe argentaria, sabe espalhar a actividade e concorrer á felicidade dos outros! Constitue, pois, uma excepção honrosa e de sympathica importancia entre nós; representa o apostata sublime d'uma religião condemnavel, tem direito á veneração dos homens de bem.

JOÃO AUGUSTO MARTINS.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XXIX

SENHORES E SERVOS

DUAS nações vivendo em presença uma da outra, duas raças chocando-se incessantemente, uma casta superior e uma

casta inferior encarando-se com maus olhos, tal é o espectáculo que nos offerece a Russia, não só em algumas pequenas cidades, em algumas provincias, mas em todas as cidades, em todos os governos; e quasi em toda a parte amos e patrões pertencem á raça estrangeira, artistas e criados á raça indigena.

Nas grandes planices esta divisão nos habitantes não é tão distincta como nas cidades. Se aqui e ali se encontra um estrangeiro proprietario do solo não é isso a regra geral, e quasi se pôde dizer que se as cidades pertencem aos allemães, o campo é propriedade dos russos. A industria, a arte, a sciencia, o poder foram sempre pela lei collocadas na mão dos estrangeiros; os nacionaes mesmo antes de serem servos occupavam uma posição subalterna; foi só já nos nossos dias, depois d'ultima da guerra da Crimèa que o estado veio, se assim se pôde dizer, auxiliar a natureza, fazendo a Russia propriedade dos russos.

A dynastia é estrangeira. E' este um facto muito vulgar para que surprehenda; os paizes mais liberaes, os que caminham na vanguarda da civilisação são governados por principes de sangue estrangeiro. Em Londres a familia reinante é hanoveriana; em Berlim é originaria da Suabia; em Paris é corsa¹; em Vienna é suissa; em Florença é da Saboia; em Copenhague é proveniente do Holstein; em Stockolmo é franceza; em Haye pertence á provincia do Rheno; em Athenas é dinamarqueza; no Rio de Janeiro é portugueza. Que um Gottorp reine pois no Neva e no Moskava nada de notavel seria pois, se o campones russo não tivesse outras razões para julgar o seu principe tão estrangeiro de sangue como d'alma. Os dois soberanos cuja historia lhe é mais conhecida, Ivan IV e Pedro I proclamavam em todas as occasiões e fôra de proposito que não eram russos.

«Tome sentido no peso — dizia Ivan a um artista inglez, entregando-lhe algumas barras d'ouro que haviam de servir para se fazer uma peça d'ourivesaria — porque os russos são todos ladrões.

O artista não pôde conter um sorriso.

— Vossa Magestade falla severamente do seu paiz.

— Basta! replicou o imperador, eu sou allemão.»

Pedro, o Grande, não dissimulava o seu desprezo por tudo quanto era moscovita. Fallava a lingua allemã. Talhava a barba e cortava o cabello á moda allemã. Construiu uma cidade allemã de que fez a sua capital e deu-

lhe um nome allemão. Gostava de fumar n'um cachimbo allemão e de beber cerveja allemã. O novo imperio que fundou era um imperio allemão com portos como Hamburgo, cidades semelhantes á de Francfort e á de Berlim e não via nos seus ficis russos senão uma horde de selvagens que elle tinha a missão de transformar em camponezes, allemães ou hollandezes.

Para o espirito imperial, excentrico na verdade, o estrangeiro foi sempre o typo da ordem, da paz e do progresso, emquanto que o indigena personificou sempre o desmazêlo, a desordem e a immobildade. Por isso a casa reinante nunca cessou de fazer chover favores sobre os allemães, em quanto que só a policia faz sentir aos subditos russos a existencia d'um governo. Esta injustiça tornou-se tão aggravante que se tornou proverbial e que fornecia assumpto para um illimitado numero de ditos. Um dia, o imperador perguntou a um homem que lhe tinha feito um serviço como poderia elle pagal-o, e recebeu esta resposta:

«Faça Vossa Magestade de mim um allemão e o resto virá por si.»

Ministros, embaixadores, gentis-homens, conselheiros, os mais altos dignatarios do Estado eram quasi todos allemães; se por acaso um russo chegava aos mais altos cargos era tendo feito carreira no exercito; a politica e a diplomacia estavam-lhe fechadas. O allemão é geralmente mais instruido e mais bem educado do que o russo; cultiva as artes e as sciencias, ás quaes julgam que o indigena deve ficar estranho por não lhe supporem intelligencia capaz de receber uma grande cultura. Pedro, o Grande, julgou mesmo dever publicar uma lei, conferindo aos allemães o monopolio de certas industrias. Assim um russo não podia ser pharmaceutico por medo que elle envenasse os seus clientes, nem limpa chaminés por medo que incendiasse a cidade.

Estas leis foram mais tarde revogadas; mas muitas conservam-se ainda em vigor mantidas por um poder maior que o de ministro ou de principe, pelos usos publicos. Russo algum tomava uma dose de saes purgativos, uma pilula de canimomilla da mão d'um compatriota. Não se tem fé nem na sua habilidade, nem na sua vigilancia. Um russo pôde ser um bom medico, porque tem uma

¹ Este artigo foi escripto em 1869.

intelligencia clara e uma alma boa e todavia estas qualidades juntas a um saber real não o tornavam apto para o delicado officio de administrar substancias medicinaes. Dizem-no rude por temperamento; que não tem paciencia para, armando-se com uma lente, seguir attentamente os ascillações d'uma balança de precisão. Algumas centigrammas de mais ou de menos n'um preparado não é nada a

seus olhos. Em Moscow, cidade que se distingue pela sua paixão panslavista ouvi fallar de patriotas que o desejo de proteger um boticario indigena tinha arrastado ao tumulto prematuramente.

«E' impossivel o educar-se uma criada russa, dizia-me uma dama de S. Petersburgo. Esta rapariga que acaba de vêr é uma excelente creatura; nunca se recusa a trabalhar,

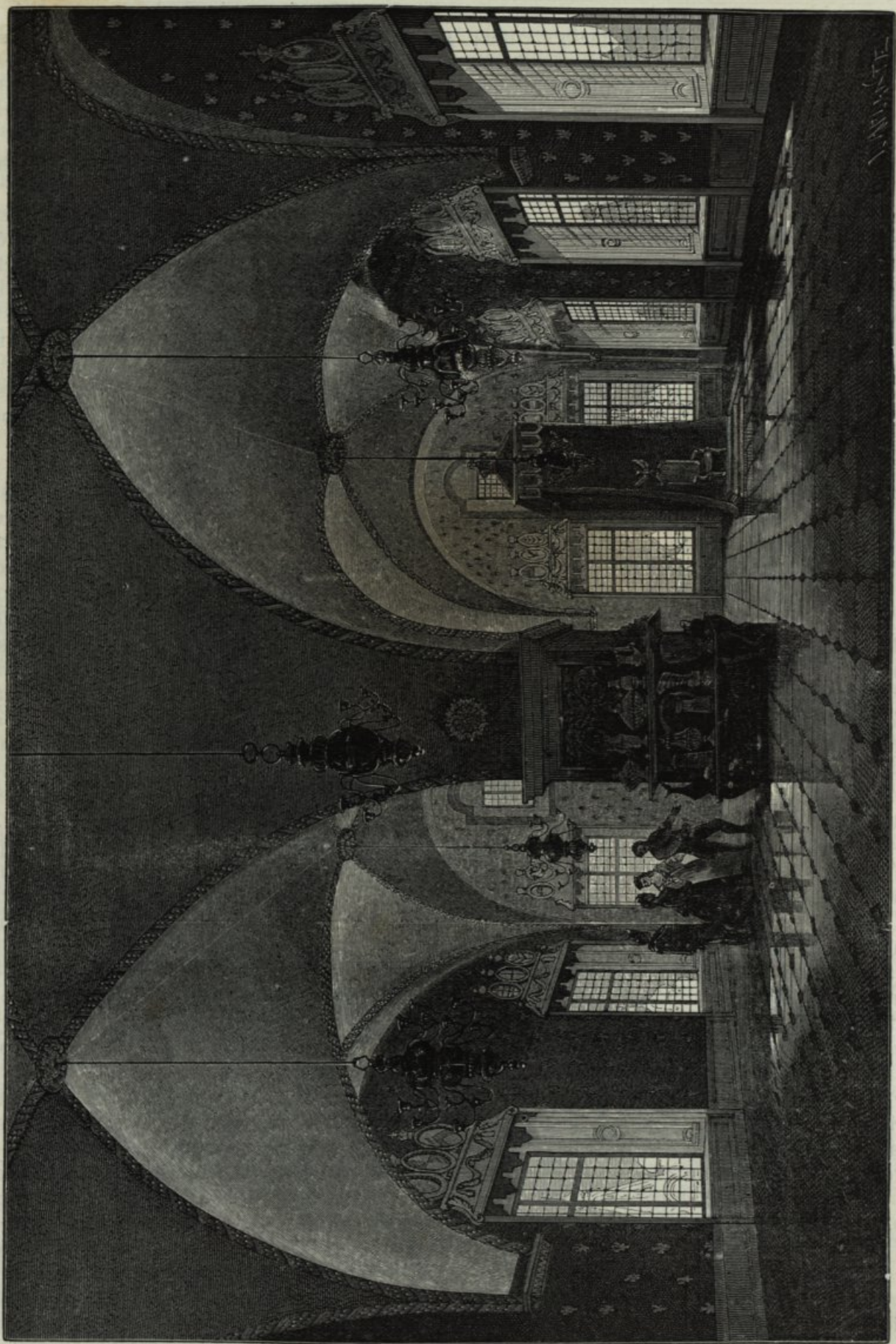


ALDEIA RUSSA — Desenho de I. Moynet, segundo uma lithographia russa

nunca se queixa; vai á missa todos os domingos e dias santos; antes morreria de fome do que comeria ovos ou beberia leite na quaresma. Mas não posso conseguir que ella saiba lavar uma toalha, que arrume bem uma casa, que ponha a mesa em termos. Se lhe ensino como tudo isso se faz, diz-me com um ar melancolico: na minha terra faz-se de tal maneira; se insisto para que faça as cousas como eu quero, submeter-se-ha á força, murmurando um protesto, e irá para casa dos paes e do seu pope dizer-lhe que a sua ama está possessa d'um espirito maligno.

Os estrangeiros que na Russia exercem cargos de confiança e que formam a aristocracia intellectual não são tidos em Berlim como de genuina origem allemã. São originarios das provincias do Baltico, da Livonia e da Siltinamia; mas em vez de descenderem dos Lettões e dos Vendes dizem ter por antepassados os cavalleiros teutonicos. A sua energia e a sua firmeza parecem apoiar as suas pretensões.

Muito tempo antes de Pedro, o Grande, tinham vindo para o paiz; no reinado d'esse principe apoderaram-se d'elle e desde então



PALACIO DO TÈREM EM MOSCOU: A SALA D'OURO — Desenho de I. Moynet, segundo um desenho tirado do natural

teem-se esforçado por submeter e civilisar os habitantes, do mesmo modo que na Prussia os cavalleiros teutonicos puliram os costumes dos Lettões e dos Finnezes.

Todavia laço algum se formou entre nacionaes e estrangeiros, entre senhores e subordinados. As duas raças nada teem de commum; nem o sangue, nem a lingua, nem as crenças. Differem tanto uma da outra, como o Occidente do Oriente. Um allemão traz o cabello curto, corta a barba. Usa chapéu, sapatos e traz os membros cobertos com panno felpudo e quente. De noite despe-se e prefere dormir n'uma cama a assar-se n'uma lazeira. Lava-se todos os dias. Nunca bebe aguardente, mas em compensação consome grande quantidade de versa azeda. Um allemão acredita na sciencia, um russo no destino. Um toma para seu guia a experiencia dos factos, o outro volta os olhos para as potencias invisiveis. Se um filho d'um allemão adoce, o pae manda chamar um medico, se adoce o filho d'um russo o pae ajoelha deante d'uma imagem.

Nas regiões do norte, em que os lobos abundam, o estrangeiro recolhe as suas ovelhas ao anoitecer; o indigena diz que se as feras teem de devorar-lhe o gado, ninguem o poderá impedir e que é audacia criminosa o pretender oppôr-se aos decretos do ceu. O allemão quer em todas as cousas ordem e methodo, crê na importancia das pequenas coisas. A experiencia tem-lhe feito comprehender que tal homem serve para construir carruagens, tal outro é apto para escrever um poema; este saberá disciplinar soldados, aquelle dirigir um navio. Gosta de ver as suas empresas caminhar com a regularidade d'uma machina. Levanta-se cedo e deita-se tarde. Com o cachimbo na bocca, com um copo de cerveja sobre a banca, com um par d'olhos no nariz trabalhará dezeseis horas por dia, sem imaginar que o serviço seja superior ás suas forças. Nunca se ausenta da sala do trabalho, nunca falta ao respeito que deve ao seu chefe. Nos cargos de confiança é a probidade e a intelligencia personificadas. Quasi nunca, nem mesmo na Russia, um allemão se deixa corromper por dinheiro e a sua escrupulosa lealdade torna-o extremamente severo para o miseravel de cuja fidelidade suspeita. Se entrarmos nos arcanos da sua alma encontraremos ahi singularida-

des que mais ainda surprehenderão os seus inferiores. Com todo o seu amor pela ordem e pela rotina, é um sonhador, um idealista capaz em muitas circumstancias d'uma ternura, d'uma dedicação cavalheiresca que são para os russos perfeitamente desconhecidas.

O habitante indigena tambem é todavia um homem positivo e um homem d'illusões; mas é positivo na região das idéas e cheio d'illusões na região dos factos. Diz-se com graça, e os factos justificam esta ironia, que um russo nunca sonha... exceptuando quando está completamente acordado.

Entremos em duas fabricas, em duas fabricas de fiação de linho, uma russa e outra allemã, situadas na margem d'um rio.

Na primeira, proprietario e artistas pertencem á mesma raça, téem costumes semelhantes, uma unica maneira de pensar e sentir. Jantam á mesma mesa, comem as mesmas eguarias. Todos usam com o mesmo talhe a barba e os cabellos compridos, todos se cobrem com o caftam grosseiro, calçam eguaes botas; jogam os mesmos jogos, as damas e o *whist*; bebem a mesma agua-ar quente e o mesmo kwas; ajoelham-se deante do mesmo altar, beijam a mesma cruz, confessam os seus peccados ao mesmo padre. Se um dos artistas se embebeda será indulgentemente tratado. Se o proprietario lhe bater o negocio tratar-se-ha entre os dous. Ou o bebado supportará com paciencia as pancadas ou tirará a desforra com o primeiro pau que lhe cahir nas mãos. Em qualquer dos casos lavarão a roupa suja em familia, sem que a justiça de nada saiba.

Na segunda fabrica encontra-se uma ordem industrial mais perfeita, proprietarios com a cara barbeada. Por maior que seja o seu espirito de justiça e de humanidade o patrão mantem uma disciplina severa. Para elle os negocios estão em primeiro logar e em segundo os artistas. Faz com que os seus operarios cumpram com os seus deveres; não consente que não trabalhem na segunda-feira pelo facto de estar cançados da folgança do domingo; prohibe as cantigas em que são celebradas as façanhas dos salteadores, cantigas que tanto do agrado são dos russos. Se os operarios se ausentam suspende-lhe o salario, não querendo que, tendo perdido o dia passem ainda a noite no deboche. Em mui-

tos casos fazem-o comparecer ante o juiz mais proximo.

As duas raças vivem separadas. Existem no territorio russo uma centena de colonias allemães: antigas ou modernas, agricolas ou religiosas. N'estas aldeias tudo está limpo, brilhante; as estradas estão bem conservadas, as casas solidamente construidas, os jardins cuidadosamente cultivados. Os carros são feitos com mais arte, o gado melhor conduzido, as colheitas mais bem recolhidas, do que as dos indigenas. Todavia a colonia allemã não exerce influencia apreciavel na communa russa; uma aldeia russa situada a uma legua d'uma colonia allemã, tal como

Strelna ou Sarepta, póde estar mais atrasada que qualquer outra.

Os indigenas olham com odio para o seu superior. A sua limpeza parece-lhe effeminada; téem pelo seu cachimbo, pelos seus oculos e pelo seu cangirão de cerveja o mais profundo desprezo. «A agua-ardente, dizem elles, é a bebida dos homens.» E cousa mais grave ainda, elles odeiam no allemão o heretico ao qual o ceu póde ter dado, como elles dizem «o poder do pau», mas que nem por isso são menos desprezados pela Igreja e pelo proprio Deus.

(Continúa).

CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA

(Conclusão)

(GOUVEIA 17 DE AGOSTO)

AQUI chegaram hontem de manhã, vindos de Cêa, os snrs. A. Lopes Mendes e Castello Branco, agronomos, J. Anastacio Monteiro, intendente de pecuaria, na Guarda, e Joaquim de Vasconcellos — os tres primeiros vogaes da secção agronomica e o ultimo da secção archeologica, havendo partido de Cêa para Evora o snr. Gabriel Pereira e para Guimarães o snr. dr. Martins Sarmiento, depois de visitarem e estudarem os monumentos archeologicos de Cêa, S. Romão, Bobadella e Oliveira do Hospital.

O snr. Joaquim de Vasconcellos, antes de chegar a esta villa, reconheceu e desenhou um dolmen que se encontra cerca de 50 metros a oeste da estrada da Beira, na margem esquerda da ribeira de Rio Tinto, no kilometro 104, de Coimbra a Celorico. É um dolmen pequeno, mas está bem conservado.

Gouveia, sendo aliás uma das povoações mais importantes e antigas da pendente NO. da Serra da Estrella, tem passado por tantas vicissitudes, que hoje poucos monumentos archeologicos offerece.

Do seu vetusto castello apenas se conserva o nome no bairro que se ergue a meio da villa, denominado *bairro do castello*. Da antiga judiaria, hoje *bairro da Biqueira*, apenas restam algumas humildes casas velhis-

simas esboroando-se com o peso do anathema e dos seculos, e uma capellinha com a invocação da Santa Cruz ou Vera Cruz, que o snr. Joaquim de Vasconcellos visitou e desenhou e que occupa um lugar distincto na historia das perseguições de que foram victimas os judeus em Portugal, nomeadamente n'esta villa de Gouveia. É digna de lêr-se sobre o assumpto a obra de Alexandre Herculano «Do Estabelecimento da Inquisição em Portugal».

O grande historiador, depois de mencionar muitos actos do mais revoltante fanatismo com que os velhos christãos de Gouveia torturavam os judeus e christãos novos, menciona o seguinte:

Certo dia de madrugada encontrou-se enforcada em uns paus uma imagem de Nossa Senhora, muito querida dos habitantes de Gouveia, pertencente á igreja matriz de S. Pedro. Causou o facto grande sensação na villa e logo se ergueu um brado unisono attribuindo aos judeus, aqui residentes, semelhante profanação. Foram indicados como auctores do crime tres dos judeus mais ricos e immediatamente prenderam dois que foram conduzidos para Lisboa, onde foram justicados, apesar dos exforços da colonia israelita, salvando-se a muito custo o 3.º por se homisiar a tempo.

Como em desaggravo de tão revoltante profanação, os frades franciscanos do pro-

ximo convento ou hospício do Espírito Santo de Gouveia, erigiram no local do delicto uma capella (a capella actual) com a invocação de Vera Cruz, tendo por emblema uma cruz, formada com os paus da forca em que a imagem da Virgem apparecera enforcada.

Sobre o altar, e no topo interior da dita capella, se vê a citada cruz com a imagem do Redemptor pintada a oleo. Passados, porém, alguns annos depois d'aquelle horrendo delicto, e quando os dois judeus, suppostos auctores d'elle, já haviam sido reduzidos a cinzas. Desavieram-se entre si dois patifes de Gouveia, mutuamente se accusaram de haverem subtrahido da egreja de S. Pedro a imagem de Nossa Senhora, de a enforcarem, e de terem feito queimar os dois judeus, reduzindo á miseria as suas familias?!...

Na chronica da Ordem de S. Francisco, fallando do convento do Espírito Santo de Gouveia, se diz que os frades d'aquelle convento erigiram a mencionada capella em desagravo do horrendo delicto, praticado por dois christãos velhos, mas attribuido aos judeus para os roubarem e perderem, como perderam a dois, queimando-os vivos e sequestrando-lhes as casas.

A dita capella conserva ainda as fórmas primitivas, com pequenas alterações.

Porta principal d'arco, de volta inteira; tecto de guarda-pó de castanho, bem trabalhado; a cruz primitiva no topo, mettida no centro d'um rico retabulo de talha custosa, dourada, obra muito posterior, e transferida para alli d'outro templo; o pavimento de tijolo, restaurado com pedras miudas.

Nas minhas excursões com o snr. Joaquim de Vasconcellos, visitamos tambem o convento do Espírito Santo de frades de S. Francisco, cerca de um kilometro a SO. d'esta villa, extincto em 1834, e hoje em ruinas, pertencente ao snr. conde de Caria.

Nada encontramos digno de menção, porque o convento fôra reconstruido desde os alicerces, nos fins do seculo xvii ou principios do seculo xviii.

O convento antigo datava do seculo xvi, e foi erguido sobre um oratorio e hospício que datava de tempo immemorial, com a mesma invocação do Espírito Santo; mas d'esse hospício nem dó primeiro convento a que se referem as chronicas, nada, absolutamente nada resta, nem ha vestigios d'um

rico tumulo de *pedra branca*, em que repousavam as cinzas dos paes e irmãos de D. Catharina d'Eça, a principal bemfeitora da dita casa e que fôra muitos annos abbadessa do convento de Lorvão.

O dito tumulo comprehendia uma grande fabrica de marmore branco ou jaspe com folhas e ramos de carvalho em relevo, o brasão da nobre familia d'Eça, e uma grande inscripção que póde vêr-se na chronica da Ordem.

Além de grandes esmolos e valiosos doativos, deu a dita Catharina d'Eça, a este convento muitas reliquias dos Santos Martyres de Marrocos, e desde essa data se festejaram com grande pompa, festa e feira annual aos Santos Martyres n'este convento.

Tambem havia grande festa e feira annual no domingo do Espírito Santo, orago do convento, e no dia de S. Francisco, o patriarcha da Ordem, sendo grande a concurrencia de fiéis, nomeadamente da região de Cima-Còa, Pinhel, Castello Rodrigo, Escalhão, etc.

Visitamos tambem o extincto convento de freiras franciscanas de Vinhó, 2 kilometros a Norte do convento do Espírito Santo e cerca de 3 kilometros a NO. de Gouveia.

O convento estava na extremidade SO. da povoação de Vinhó e contiguo a ella. Foi extincto por fallecimento da ultima religiosa em meados d'este seculo. Do edificio pouco mais resta do que a igreja, templo que se conserva intacto, sem reconstrucções, soffriavelmente conservado e de bastante merecimento.

Tem altar-mór e tres altares lateraes, um do lado do evangelho, e dois do lado da epistola, além de uma capella d'este mesmo lado, dedicada ao Menino Jesus da Tia Baptista, mesmo defronte da porta d'entrada.

N'esta capella, obra dos fins do ultimo seculo, está o Santissimo Sacramento, pois é hoje a igreja do extincto convento, a igreja matriz da parochia.

A Tia Baptista do Céu foi uma religiosa d'este convento que se tornou muito notavel pela sua piedade e virtudes e pela sua devoção para com o Menino Jesus. Nas grandes afflicções os povos da localidade e circumvisinhanças corriam a invocar a intercessão da Tia Baptista para com o seu Menino Jesus, sendo quasi sempre certo o de-

ferimento, e por isso lhe erigiram uma bonita capella e lhe fazem ainda hoje grande festa e feira annual, na 1.^a oitava do Espirito Santo.

O tecto da igreja é apainelado com 45 quadros de madeira pintados a oleo, no corpo do templo e 18 na capella mór, encaixilhados em boa obra de talha dourada, e todos os altares e a tribuna do altar mór são tambem de talha dourada antiga e de merecimento.

No vão da tribuna do altar mór, do lado do evangelho, se vê interiormente, mettida na parede, uma caixa de pedra com as ossadas dos fundadores, encimada por um brasão d'armas em um escudo esquartelado, tendo no 1.^o e 4.^o espaço dois leões e no 2.^o e 3.^o as quinas.

O mesmo brasão se vê sobre a porta da igreja em outra porta do convento e no portão de entrada para o terreiro. E na frente da dita caixa ossuaria se lê com orthographia absoluta, a inscripção seguinte:

«Esta sepultura é de Francisco de Sousa e de sua mulher D. Antonia de Teive, fundadores d'esta Santa Casa. Elle falleceu em 2 de maio de 1578 e ella em 17 d'abril de 1597.»

Data, pois, o convento da segunda metade do seculo XVI, e foi sempre um modelo de virtudes e disciplina. Nunca demandou reforma no viver das religiosas que o habitaram durante tres largos seculos; pelo contrario, d'elle foram muitas religiosas em diversas datas reformar a disciplina d'outros conventos, e n'elle foram recebidas as ultimas religiosas do convento do Couto, da freguezia de Nabainhos, hoje annexa á de Mello, n'este concelho, e do convento d'Almeida.

Os jesuitas fizeram aqui, pelo meiado do ultimo seculo, um amplo e magestoso collegio, com vistas soberbas, mas poucos annos depois de o ultimarem e de montarem n'elle aulas, foram extinctos pelo marquez de Pombal; e o collegio que aqui tinham, com as vastas propriedades a elle pertencentes, ficaram devolutos para a corôa. As freiras franciscanas de Almeida, tentadas pela belleza e magnificencia da casa, pediram-n'a ao governo e para ella se transferiram; mas, sobrevindo a guerra peninsular, foram d'aqui removidas para o convento de Vinhó e no collegio se estabeleceu o hospital militar do exercito anglo-luso, sob o commando de sir Arthur Wellesley, depois duque de Welington.

Terminada a guerra peninsular foi o collegio arvorado em quartel de caçadores 7 e por ultimo, aproximadamente em 1834, vendido em hasta publica e comprado por Bernardo Antonio Homem, tio do snr. conde de Caria, seu actual possuidor, que n'elle vive.

E' uma casa soberba com vistas esplendidas e uma bella cêrca, na qual se vê o mausoleu d'um official inglez protestante, alli sepultado por occasião da passagem do exercito anglo-luso.

A NO. do collegio está á capellinha do Senhor do Calvario em uma pequena eminencia, cujo adro offerece um panorama vastissimo, encantador.

A dita capella foi tambem obra dos jesuitas, e, ha muito que as festas do Senhor do Calvario são as mais pomposas d'estes sitios, até grande distancia, como dissemos na nossa ultima carta.

Em plano um pouco inferior á capellinha do Calvario está a capella de S. Lazaro, antiquissima, talvez anterior ao seculo XVI e ao estabelecimento das *misericordias* em Portugal.

Teve annexo um hospital de Lazaros e um campo que é hoje o passeio publico da villa, arborizado, defendido por grades de ferro e no centro um lindo kiosque ou pavilhão, onde costuma tocar nos dias santos a phylarmónica de Gouveia.

Contiguo á capella do Calvario está um edificio, recentemente feito para os romeiros e arrumação dos aprestes da grande illumination, e no mesmo edificio fizeram tambem um theatro, bastante regular, em que já representou o nosso insigne Taborda com uma companhia dramatica de Lisboa e téem representado outros artistas e amadores da villa, que para o palco mostram pronuncia da vocação.

O terreno em que os jesuitas fundaram o seu collegio e todas as propriedades a elle annexas pertenceram ao mestre de campo Antonio de Figueiredo Ferreira, homem prepotente, segundo consta, e que, fallecendo sem successão, legou tudo aos jesuitas, por estes, com a grande influencia de que dispunham, o haverem livrado de crimes em que se envolvera.

E' esta a tradição firme na localidade.

Das chronicas da Companhia nada consta a tal respeito, porque a parte impressa não

passa do século xvii, e os factos a que nos referimos, bem como a fundação do collegio, tiveram logar na segunda metade do século xviii.

A fachada principal do collegio está voltada para oeste e tinha a meio uma espaçosa e elegante igreja com duas torres que foi demolida pelo tio do snr. conde de Caria, quando comprou o edificio e cêrca.

Visitamos hontem com o snr. Joaquim de Vasconcellos um casarão em ruínas, denominado o *lagar dos padres*, que foi também pertença do collegio e se acha cerca de 300 metros a jusante da villa, na margem esquerda do ribeiro que a corta de nascente a poente. Tem a data 1732 e foi um logar luxuoso de bom granito com um pavimento superior.

Visitamos também uma casa da rua Direita, que é hoje a velharia mais interessante de Gouveia.

Tem sobre a rua Direita, olhando para o nascente, uma espaçosa janella dupla de granito muito ornamentada em estylo gothico florido — interiormente uma sala com cachorros exquisitos. Um representa uma esphera, outro uma cara disforme d'um velho, outro uma *caraca* de velha, outro um lagarto sobre um globo e outros diversos caprichos, — na troça de uma janella, que tem na rectaguarda, olhando para o norte, se lê uma inscripção em letras gothicas que dizem *Jesus-Christo*, e na troça d'outra janella da mesma sala se lê em letras gothicas também *Ave-Maria gratia* com ornamentos de folhas de carvalho e dois bixos em relevo.

Esta ultima janella tem uma especie de peitoril, assente sobre tres cachorros exteriores que avultam cêrca de meio metro com figuras exóticas, o que tudo o snr. Joaquim de Vasconcellos desenhou na sua carteira.

Estas casas tiveram annexas uma capella, talvez de muito merecimento archeologico,

mas foi demolida e transformada em casa de habitação.

A ultima dona d'ellas foi uma senhora D. Alta (talvez D. Aucta), de Moimenta da Serra, freguezia d'este concelho de Gouveia, que casou na Covilhã, e alguém suppõe que pertenceram aos marquezes de Gouveia, condes de Portalegre, que tiveram o senhorio d'esta villa e da de Celorico e outras, descendentes de D. João da Silva, que foi aio d'el-rei D. Manoel e depois seu valido e escrivão da puridade.

Aqui tinham um ouvidor que os representava e nomeava ás justiças e na casa da camara se vê ainda no tecto do salão nobre e no espaldar de diferentes cadeiras de couro as armas dos Silvas — um leão.

Foi esta familia uma das mais ricas de Portugal, e a sua opulencia subiu de ponto quando, depois da momentosa demanda, succederam na casa dos duques de Aveiro, mais opulenta ainda talvez; mas tanta opulencia e as proprias vidas tudo perderam, bem como os condes de Atouguia e os marquezes de Tavora no barbaro morticinio ordenada pelo marquez de Pombal, e que se realisou no *chão salgado*, na praia de Belem, para conter as demasias da nobreza que mais sombra lhe fazia, tomando por pretexto os tiros disparados sobre o coche de el-rei D. José.

Hontem mesmo, ao cahir da tarde, partiu o snr. Joaquim de Vasconcellos com a secção agronomica para Celorico, d'onde deviam ir hoje a Linhares e Folgosinho.

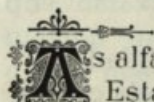
Tambem hontem de tarde aqui chegaram e partiram logo na diligencia de Coimbra, não sabemos para onde, os senhores Castello Branco e João E. Albers, vogaes da secção mineralogica.

O calor por aqui tem sido verdadeiramente tropical!

P. A. FERREIRA.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)



As alfandegas são o unico rendimento do Estado da Liberia.

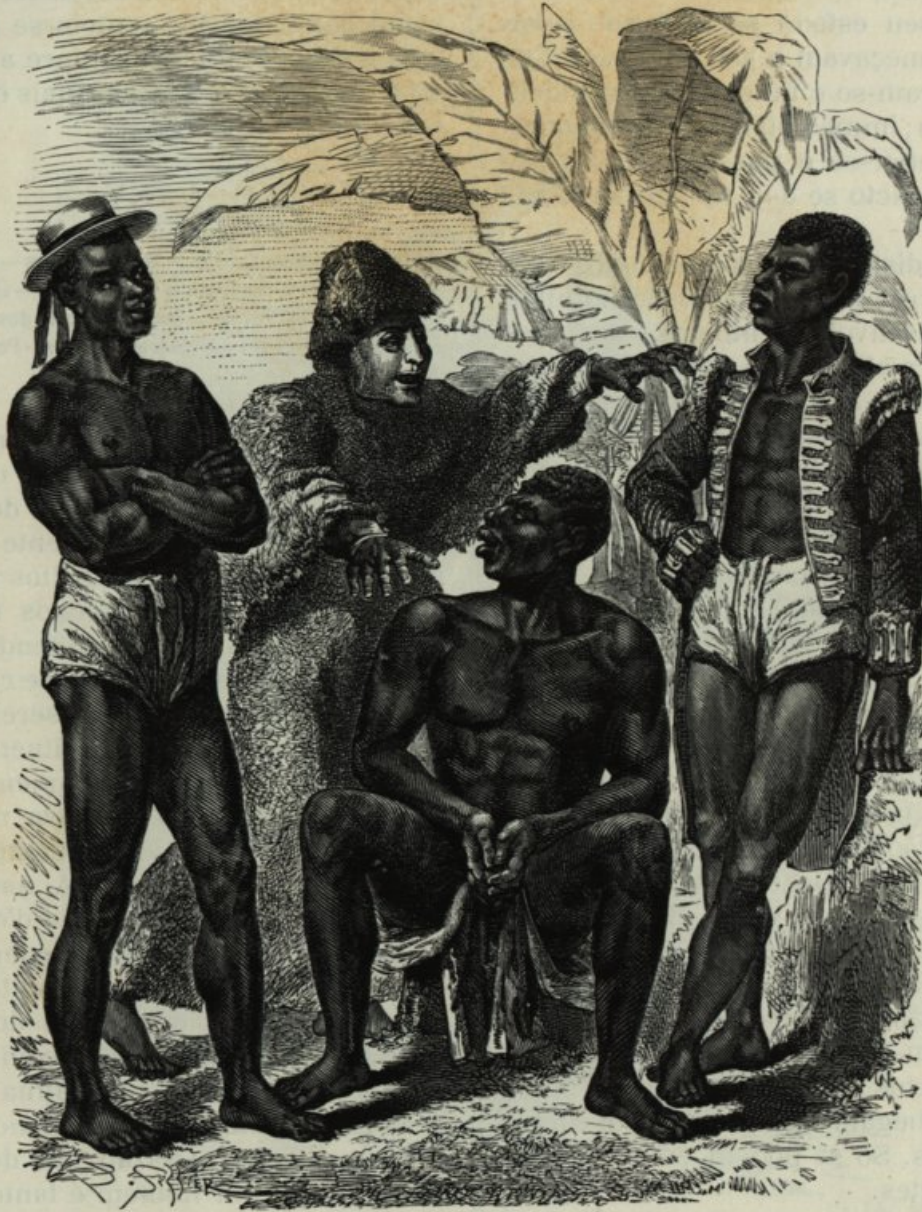
As suas pautas são excessivas e afugen-

taram a maior parte dos navios que frequentavam aquelle porto, onde faziam pouco negocio. As casas de Monrovia tem uma apparencia regular. E' com prazer que, percor-

rendo as margens do rio que tem a sua foz ao pé de Montserrat, se vê uma grande actividade reinar n'esta costa, onde alguns caes e alguns guindastes nos annunciam que o espirito europeu ali foi implantado.

O colono da Liberia proveniente d'um meio civilisado á europèa é naturalmente superior ao da Serra Leôa; é muito orgulhoso como o são todos os pretos alforriados.

Quando eu visitei a Liberia era seu presi-



CRUMANOS — Desenho de P. Sellier, segundo um esboço do auctor

dente M. Roberts, muito agradável para com todos com quem tratava.

A Liberia, como a Serra Leôa, como o Senegal, tem grandes relações com o interior, principalmente com as aldeias consideraveis dos Mandingues, Soulimans e Kissas, que habitam as vertentes das montanhas Kong.

Uma viagem empreendida em 1870 por

M. Bejjamin Anderson para abrir uma via commercial com os Mandingues fez-nos conhecer que as aldeias principaes dos Weys, Bapora, Bessa, a éste de Gallinas estavam situadas n'um terreno cuja elevação varia entre cento e quarenta e cento e setenta metros. Devem ser salubres; os valles tem abundancia d'agua.



Bapora era uma aldeia neutra que servia para as trocas; para todos as tribus o wey era a liguagem commercial; os mercados neutros são um dos caracteristicos d'Africa.

Em Bapora ha mesquitas e o mahometismo é ali professado publicamente. A escravatura existe ali; os escravos, assustados por verem o seu estado social ferido pelas vendas que começavam a ser feitas aos Europeus revoltaram-se e fundaram uma aldeia que fortificaram; immediatamente fôram obrigados a submeter-se e passados pelas armas. O mesmo facto se deu no foutah d'Iallon.

Os escravos distinguem-se á primeira vista dos homens livres pela sua attitude humilde e pelo pouco desenvolvimento dos seus musculos, que nunca attingem o relevo das organisações athleticas dos que são livres.

Fiesaba e Wimar seguem-se a Bapora. A sua situação é já mais elevada de quinhentos ou seiscentos metros; Wimar está situada no parallelo da Serra Leôa a 8.º14'.

As palmeiras já não crescem n'estas montanhas; os elefantes são aqui numerosos e devastam os campos cultivados. Os indigenas caçam-os á espera recolhidos n'umas cabanas feitas expressamente para esta caça.

Momardou situada a 8º27' de latitude norte e 10º44' de longitude oeste é a capital dos Mandingues do oeste; está um pouco em decadencia. O sultão tem um exercito numeroso e bem disciplinado. Os chefes mandingues ficam contentes quando veem chegar gente de Montserrat. Serão precisos os esforços reunidos dos Mandingues e dos republicanos da Liberia para obrigar as tribus revoltadas, que os separam, a deixar livre o caminho.

Os Sarracoletes de Médina visitam Monsardou, onde chegam com guinea azul carregada em burros. Só se podem entender por meio d'interpretes.

Os Weys vão desaparecendo todos os dias e os Mandingues começam a substituil-os.

Examinei as plantações feitas ao longo do rio S. Paulo; as plantações de café estavam carregadas de flôres e promettiam uma excellente colheita. Os campos de mandioca estavam bonitos, as bananeiras estavam carregadas de fructos; lorangeiras, limoeiros e algumas arvores exoticas estavam tratadas com esmero.

Mas havia no ar não sei que; o dinheiro

não circulava abundantemente, os alugueres eram caros e o preço da mão d'obra exagerado; as pautas aduaneiras affastam o commercio e tudo nos faz prever que esta colonia não irá por deante.

A civilização europêa applicada á raça negra assemelha-se muito ao fraque que elles usam por imitação; sentem-se pouco á vantade e estão sentindo sempre a necessidade de o despir para ficarem mais desembaraçados.

XV

Grébos — Costumes, usos — Surperstições — Observações caracteristicas — Enterros — Dupla vista — Os espiritos Kous — O duque de Sestro — Importunidade dos negros — A lagoa Glé — Pai-pi-bri — Mulheres fetiches — Peregrinações — Santo André.

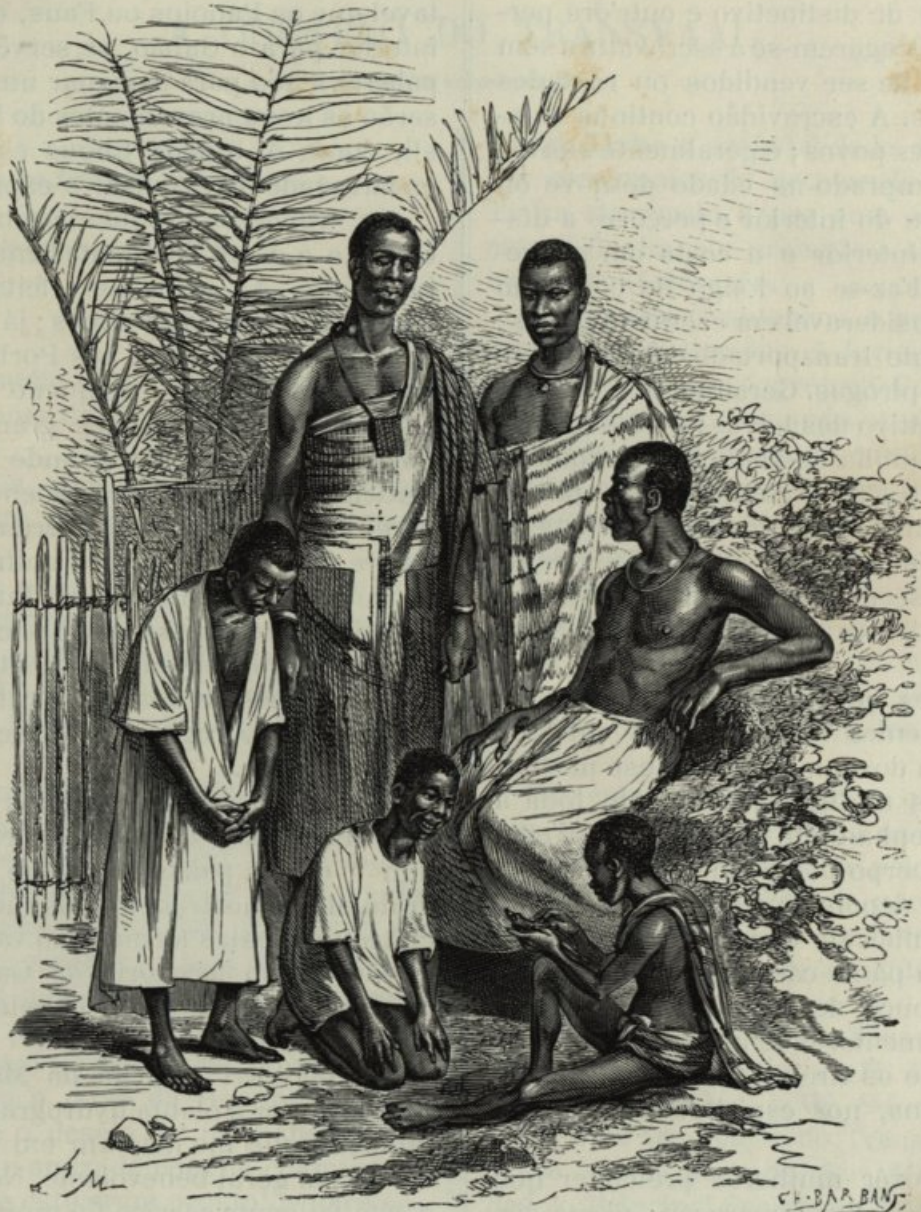
Deixando o cabo das Palmas, em que o aspecto geral das terras indica um paiz montanhoso, encontra-se no paiz dos Grébos ou Greboë, familia pouco differente dos Croumanos; mais altos, mais esbeltos que estes ultimos os Grébos tem menos relações com os Europeus com quem pretendem hoje relacionar-se. Agora contratam-se com os navios que fazem commercio para serem seus agentes nas transações e substituem a marinhagem com os Menas propriamente dictos.

Os Grébos tem a estatura media de um metro e sessenta e cinco centimetros a um metro e setenta e cinco. A nação divide-se em doze familias; cada uma d'ellas é governada pelo homem de mais idade. Tem um thesouro publico que se alimenta do imposto lançado sobre os ordenados dos individuos contractados nos navios de commercio e nos navios de guerra. A polygamia é uma regra geral; compram uma mulher no regresso de cada expedição; a razão que dão d'este uso é especiosa: um homem é tanto mais poderoso quanto mais alianças tem e o numero dos sogros entra por muito na influencia individual de cada um d'elles. Além d'isso, segundo elles, o seu viver intimo não se acomoda com a monogamia; a mulher que vive só tem muito que fazer e precisa d'uma companheira que a ajude.

Quando são duas rallham uma com a outra diziam-me os meus negros; tomamos então terceira para servir de contrapezo; mas então ligam-se duas contra uma e o equili-

brio não se restabelece se não quando tomamos uma quarta; o numero de quatro representa a harmonia perfeita. Apesar do que elles dizem, estarem quatro e estarem duas é exactamente a mesma cousa, um verdadeiro in-

ferno. Os individuos que habitam o cabo do Monte junto de Frioco teem o solo como commum e a sua posse é tida como precaria; custalhes a comprehender o valor d'um acto pelo qual concedem a posse d'um terreno qual-



HABITANTES DO GRÃ BASSAM — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia

quer, e o mesmo acontece com os direitos de soberania que concedem a estrangeiros. Imaginam quasi invariavelmente que toda a concessão é temporaria e reversivel e que a morte do proprietario do terreno que cedeu a posse, annulla a doação.

Notei a existencia de chimpanzés desde o Rio Nunez até ao Grã-Bassam; dividem-se

em duas especies, das quaes uma é mais robusta do que a outra. Conservei um durante bastante tempo; era muito sociavel; os marinheiros tinham-lhe ensinado o exercicio de espingarda e de sabre; tinha-se-me affeiçoado, passeava no tombadilho ao meu lado, segurando-se-me ás calças para se conservar na posição vertical; não andava como os ma-

cacos assentando no chão a mão espalmada, mas fechando os dedos e apoiando-se nas costas da mão; os gorillas usam do mesmo modo de locomoção.

Como os Craumanos os Grébos nascem livres. Uma grande linha de *tatuagem* azul, nascendo na testa e terminando na base do nariz serve-lhe de distinctivo e outr'ora permittia-lhes o entregarem-se á escravatura sem correr o risco de ser vendidos ou raptados pelos negreiros. A escravidão continúa existindo entre estes povos; é geralmente suave; o escravo é comprado na idade de nove ou dez annos; vem do interior e percorre a distancia entre o interior e a costa em pequenas marchas. Faz-se ao longo da costa um commercio consideravel em escravos novos; são rapidamente transportados d'um ponto para outro em pirogas. Geralmente o escravo trabalha no cultivo das terras; é tratado com cuidado pela familia do senhor e quando se torna homem, o senhor compra uma rapariga que lhe dá para companheira. Está sujeito durante toda a sua vida á escravidão, mas os seus filhos nascem livres e muitas vezes a *tatuagem* symbolica gravada na face dá-lhe a alforria.

Os costumes que já acima descrevemos encontram-se entre os Grébos. Os enterros pouco differem dos que estão em uso nas outras tribus; as mulheres, como em toda a Africa desempenham um grande papel n'esta cerimonia; o corpo não póde ser depositado na terra senão depois da irmã mais velha do morto ter reconhecido o cadaver que se enterra com uma pá de carneiro e deitando no tumulo um pouco de caldo. Este viatico é destinado a alimentar o defunto na sua longa viagem, porque os Grébos creem na immortalidade da alma, nos espiritos e nas apparções.

Não é raro vêr mulheres pretender que seu irmão morto lhe appareceu; n'esta circumstancia o phantasma não responde ás perguntas que lhe fazem e segue o seu caminho sem voltar a cabeça; muitas vezes traz na mão o quarto de carneiro caracteristico que lhe puzeram ao lado no tumulo; muitas mulheres affirmam que não tiveram conhecimento da morte de seus irmãos senão depois d'esta dupla vista e que chegando com toda a pressa ao sitio em que seu irmão vivia encontraram realizados os seus pressentimentos.

Os Grébos reconhecem haver um ser superior, creador de todas as cousas, a que chamam *Nion-Sana*. O espirito do mal chama-se *Kou*; depois da morte o espirito do homem junta-se aos *kous*; o *kou* é muitas vezes vingativo e malfasejo; patentea o seu poder fazendo roncar o trovão e transbordar o mar. É notavel que os Pahoius ou Faus, que vieram do interior para o Gabão, se servem da mesma palavra *u'kou* para designar um espirito; não serão os *kous* provenientes do Egypto, sendo ali, como é, o deus Chous especialmente o encarregado de expulsar o espirito malefico?

Os francezes frequentaram a costa dos Grãos e a costa dos dentes em epochas muito longiquas. As principaes feitorias estavam áquem do cabo das Palmas; já fizemos notar que tinham precedido aos Portuguezes ¹; as aldeias do grande e pequeno Sestre foram chamadas pelos Diepezes grande e pequeno Pariz; os nomes do grande Butte ou dos Butteame, do grande e pequeno Dieppe affirmam a demora que ahí tiveram. Os sobas do Sestre são ainda muito orgulhosos do titulo de duque conferido pelo rei Luiz XIV no soba d'então. Adornam-se sempre com este titulo de duque conservado ha cento e cincoenta annos na mesma familia; a cabelleira á Luiz XIV e a carta regia estão encerrados n'um cofre de soba.

As cubatas dos Crumanos e dos Grébos são vastas, bem arejadas, rodeadas d'um jardim e d'uma palissada; teem a forma quadrangular e mostram alguns rudimentos d'architectura; estas fórmas não variam sensivelmente até ao territorio do Gabão; na costa do Ouro as paredes das cubatas são ornadas com desenhos.

Eu percorri a costa da Malagueta a pé para levantar a planta hydrographica e o acolhimento que me fizeram em todas as libatas foi em geral benevolente. No desempenho d'este fatigante serviço fui muitas vezes obrigado a fazer longas marchas antes d'encontrar no lugar designado o cesto que continha o meu almoço; recordo-me ter um dia espantado os meus negros comendo um ovo de jacaré: *Mas vão-te nascer pequenos jacarés no estomago; isso não serve para comer; não*

¹ Esta asserção é completamente inexacta como a seu tempo demonstraremos.

faça isso commandante. A fome e a curiosidade foram superiores a todas as advertencias; o ovo de jacaré parecia-se perfeitamente com um ovo de ganso de que tinha a forma

e a côr e foi para mim uma substancia nutriente que me alentou para eu fazer as duas legoas que me separavam do almoço.

(Continúa).

A QUESTÃO DO TRANSVAAL

(Continuado do numero antecedente)

Carta dos Delegados ao Ministro

Hotel Albemarle, Londres, 19 de outubro de 1878.

SENHOR

POR intermedio do nosso secretario tivemos a honra de accusar recebida a vossa carta de 16.

Tencionamos agora partir para o Cabo pelo vapor de 24, seguindo sem demora para o Transvaal.

Faltaríamos a um acto de amizade se vos não informassemos que estamos desapontados por ter de retroceder, sem levarmos aos nossos compatriotas a mais pequena esperanza ou probabilidade com relação ao futuro.

Quando se encara imparcialmente a actual situação do paiz, e se compara com a que elle tinha antes da annexação, é-nos muito difficil comprehender como se possa ainda insistir na necessidade d'esse acto, e na de não o annullar; e estamos bem seguros que o mau exito da nossa missão será amargamente sentido por todos aquelles que teem um interesse real no bem estar do paiz.

O Governo e o povo da Republica mostraram sempre o desejo de permanecer em termos de paz e amizade com as colonias vizinhas; sempre estiveram promptos para secundar aos desejos do Governo britannico em tudo quanto poderam, e para remover quaesquer obstaculos que podessem perturbar essas relações.

O paiz, se bem que vagarosamente, ia progredindo. Tinha uma legislatura do seu

gosto. Tinha a probabilidade de uma proxima communicação accelerada com a costa. Tinha alcançado a paz com a Secocoeni, e estava finalmente prompto a tratar da questão da confederação.

Todas estas vantagens, e perspectivas foram agora destruidas. A legislatura, que era a voz do povo, e o proprio Governo, foram postos de parte, tornando-se assim voluntariamente impossivel uma confederação.

Por seu lado, os indigenas igualmente desapontados no que tinham esperado, estão-se tornando de dia para dia mais unidos entre si, e preparando-se contra o Governo britannico; enquanto as perdas experimentadas pelos brancos, e as vantagens alcançadas pelos seus adversarios, são maior hoje do que nunca o foram no tempo da Republica.

São estas circumstancias que nos inspíram a convicção que seria unicamente pela emenda d'estes males, e pelo restabelecimento da independencia, que o Transvaal poderia cooperar com os Estados vizinhos para um bem estar permanente na Africa do Sul.

Temos a honra de ser vossos muito obediientes servos—(a) *S. J. P. Kruger*—*P. J. Joubert*, Delegados.—*W. Eduardo Bok*, Secretario da Deputação do Transvaal.

Ao muito honrado *Sir Michael Hicks-Beach*, Principal Secretario de Estado de Sua Magestade para as colonias.

NOTA.— A recepção d'esta carta foi accusada por G. W. Herbert a 21 de Outubro de 1878.

(Continúa).

AUGUSTO DE CASTILHO.

PELO MUNDO

COM esta vigesima quarta chronica termina o primeiro anno d'esta publicação.

A empresa d'este jornal de viagens cumpriu religiosamente tudo quanto no seu prospecto promettera ao publico e excedeu mesmo as promessas feitas. Muitos artigos devidos a pennas illustradissimas honraram as columnas d'este periodico, muitas gravuras de primeira ordem illustraram esta publicação e entre ellas bastantes de elevado custo representando logares e costumes de Portugal o que foi além das promessas feitas.

No anno proximo a empresa agradecida ao favor publico e confiada que este lhe não faltará tenciona introduzir notaveis melhoramentos n'esta publicação, augmentando-lhe o texto, aperfeiçoando-lhe a sua parte material e procurando que a parte litteraria seja o mais cuidada possivel.

Posto isto e agradecendo as finezas que deve aos seus distinctos collaboradores a empresa despede-se d'estes e do publico esperando continuar a merecer de todos no proximo anno os mesmos favores.

EUROPA

O ministro da marinha com a sua actividade infatigavel continua dispensando às nossas colonias os seus mais desvelados cuidados.

Muito brevemente deve ser publicado no *Diario do Governo* o codigo administrativo para as nossas possessões.

— O movimento d'emigrantes de que a Allemanha tanto se queixa vae-se cada vez mais acentuando. Segundo uma estatistica recentemente publicada o numero d'emigrantes que unicamente embarcaram no porto d'Hamburgo desde o 1.º de janeiro a 30 de junho attinge a cifra de 74,663. Um pouco mais que no anno seguinte ao da guerra franco-allemao. No ultimo anno todos os emigrantes saídos pelos portos d'Allemanha eleva-se ao numero de 106,190.

— Annuncia-se que depois da inauguração do caminho de ferro de Saint-Gothard se tratará d'abrir no porto de Veneza uma via navegavel e economica que ligue Veneza com o lago Maio.

A nova via aproveitará o Pó e o canal de Cavour. Julga-se que o resto pode ser feito com pouca despeza.

AFRICA

As noticias de Cabo Verde teem a data de 13 do corrente, considerando regular o estado sanitario em todas as ilhas do archipelago.

O commercio ressenete-se de uma certa paralisação, o que é para estranhar n'esta estação.

Espera-se abundancia de generos alimenticios, attendendo o estado promettedor das searas.

Na villa da Ribeira Grande, da ilha de Santo Antão, houve uma forte inundação na madrugada de 3 de setembro, causando bastantes prejuizos, e sendo arrastado para o mar, pelos ribeiros algum gado.

— A Sociedade de Geographia d'Angola solemnizou o anniversario da sua inauguração com a abertura de um museu, em que estão colleccionados objectos produzidos e manufacturados n'aquella provincia. A colleção agricola é importante, e bem assim a de madeiras que é d'uma belleza admiravel.

E' para sentir que possuindo aquella nossa provincia madeiras riquissimas, não possam ellas ser transportadas para os mercados da Europa onde causariam admiração pela sua boa qualidade e belleza. Infelizmente não podem ser exportadas por causa do elevado custo do transporte.

— No districto de Mossamedes tem estado o viajante portuguez Antonio Esteves Cordeiro, negociante estabelecido no Rio de Janeiro.

Com algumas intermittencias viaja desde 1863, percorrendo a Europa, Asia, America, Oceania, e Africa oriental, sómente no littoral.

Acha-se hospedado em casa do snr. M. J. A. Bastos.

Destina-se agora ao interior, para visitar especialmente a colonia dos boers na Humpata, a que todos dedicam amor pela sympathia que inspiram, e realmente são dignos do nosso affecto.

Regressando a esta villa percorrerá os portos do littoral da Africa occidental até às ilhas Canarias.

Para completar a viagem em toda a terra, falta-lhe ir às Antilhas, dirigir-se á America central, conhecer o Mexico, atravessar o isthmo de Panamá, visitando as obras do novo canal, e, seguindo por Valparaizo, passar pelo estreito de Magalhães em direcção ao Rio de Janeiro.

Calcula realisar toda a diregressão completando 7 annos aproximadamente de viagem por todo o globo terraqueo.

— O arrojado explorador Stanley partirá em breve para as nascentes do Zaire explorar a região entre este e o Zambeze, a ver se haverá rios que os possam ligar.

Não esqueçamos registrar, segundo diz um jornal de Massamedes, que Stanley, em proveito da civilização d'Africa e para poder levar por deante o seu commettimento de construcção d'edificios, estradas e outras obras na região do Zaire, teve de comprar pretos, acorrental-os e assim presos conserval-os sempre, inclusivè no trabalho, não lhes faltando o chicote.

Dizem que as circumstancias o obrigaram a passar da theoria para o campo pratico, commenta o jornal a que nos referimos.

— Na Sociedade de Geographia de Loanda, segundo diz um jornal d'aquella localidade, vae brevemente fazer uma conferencia mr. Louis Valoke, engenheiro belga e companheiro do celebre explorador Stanley. Mr. Valoke foi a Loanda em viagem de recreio, e deve ser de bastante interesse a descripção dos seus trabalhos. Foi acompanhado pelo snr. Almeida Soares, natural de Loanda e que a uma intelligencia cultivada reune bastante intrepidez, tendo percorrido pontos para nós desconhecidos.

INDICE DO TEXTO

	PAG.
RUSSIA LIVRE, por William Hepworth Dixon	5
21, 37, 53, 69, 85, 101, 118, 133, 149, 165, 181, 197, 222, 230, 247, 343, 358	374
CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA, pelo vice-almirante Fleuriot de Langle	16
61, 77, 92, 108, 128, 139, 159, 172, 184, 203, 236, 256, 273, 288, 318, 345, 352, 366	388
ASCENÇÕES NOS ALPES EM 1860 A 1869, por Eduardo Whymper	95
18, 29, 73	34
WELLINGTONIA GIGANTEA, por Duarte de Oliveira, Junior	34
COSMOGRAPHIA DOS LUSIADAS, por Augusto Luso da Silva	50
50	56
EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS NAS COLONIAS PORTUGUEZAS, por Lourenço Malheiro	112, 130, 145
112, 130, 145	161
ESTUFA DE S. M. EL-REI LEOPOLDO II, por Duarte de Oliveira, Junior	123
ARREDORES DA GOLLEGÃ, por José Relvas	156
A QUESTÃO DO TRANSVAAL, por Augusto de Castilho	176
192, 207, 226, 240, 290, 306, 322, 370	387
O HOMEM, por Augusto Luso	206
COSTUMES PORTUGUEZES, por Theophilo Braga	213
GERMANOS, por Louis Figuiet	215
TYPOS PORTUGUEZES, por Theophilo Braga	229
UMA PAYSAGEM DAS CALDAS DE VIZELLA, por ***	246
ESBOÇO DE MYTHOLOGIA IBERICA, por Theophilo Braga	254
254	263
TRAZ-OS-MONTES: ARREDORES DE VILLA REAL, por Sousa Pinto	262
TEMPESTADES E NAUFRAGIOS, por Zurcher e Margollé	265, 281
265, 281	294
AS VIAGENS DE FRANCISCO D'HOLLANDA, por Joaquim de Vasconcellos	271
A CASA DOS BICOS, por Joaquim de Vasconcellos	277
ARCO DA RUA AUGUSTA, por ***	293
NAUFRAGIOS AERIOS, por Gastão Tissandier	300, 309
300, 309	327
EXCERPTO DO LIVRO «DE BENGUELLA ÀS TERRAS DE IACCA», por Capello e Ivens	315
CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA, por P. A. Ferreira	326, 341, 365
326, 341, 365	379
CONFERENCIA do engenheiro explorador africano Lourenço Malheiro, feita na noite de 29 de julho de 1881 pela occasião da sua passagem em Loanda	338
338	349
EBU-AMENA, por ***	357
ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS, por João Augusto Martins	374
PELO MUNDO (chronica), por A. L.	20
36, 52, 68, 84, 100, 116, 131, 148, 164, 180, 196, 212, 228, 244, 260, 276, 292, 308, 324, 340, 356, 372	388

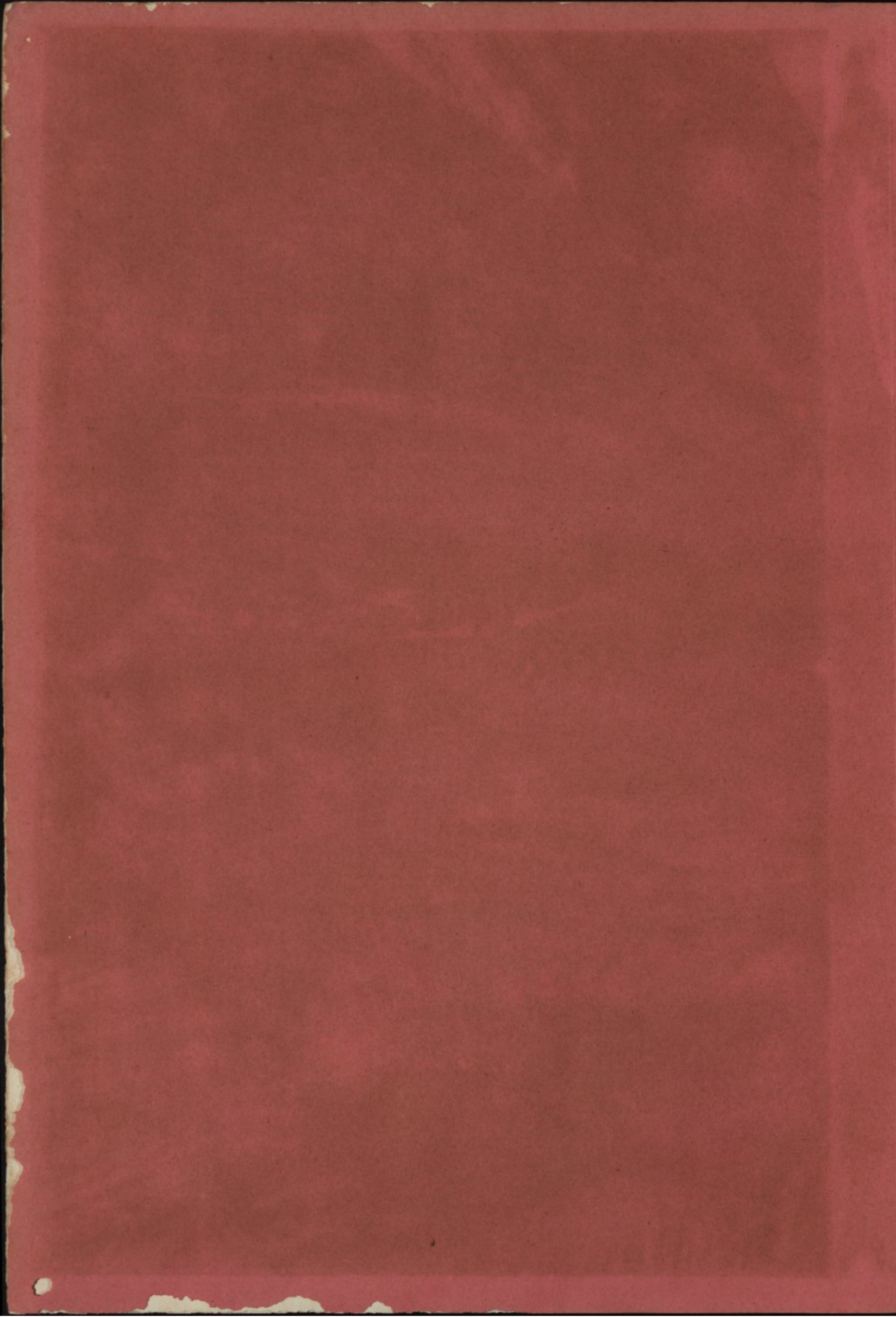
INDICE DAS GRAVURAS

	PAG.
A mãe e as filhas, rochedos do mar polar	5
Um piloto russo	8
O cabo norte	9
Mappa do mar Branco	12
Samoyèdes	13
Uma margem do golpho Onéga	14
Margem do Dwina	21
Praams e jangadas no Dwina	23
Casa (isba) do norte da Russia	26
A benção das aguas	28
Wellingtonia gigantea	35
Igreja d'Arkhangel	37
Vista geral d'Arkhangel	39
Frei João, capitão de «La Verra»	43
Peregrino mendicante	45
Feofan, archimandrita do convento de Solovetsk	49
Alexandre II visitando as reliquias de S. Zozime no convento de Solovetsk	55
Vista de S. Luiz	61
Ponte de Sor em S. Luiz	63
A coberta da «Zenobie»	65
Spahi do Senegal	66
Um frade photographo no convento de Solovetsk	69
Utensilios feitos em Solovetsk	70
Vista geral do convento de Solovetsk	71
Um perigo na «Pointe des Ecrins»	75
Cathedral de S. Luiz	71
Familia senegaleza, oriunda de S. Luiz	81
O convento de Solovetsk, visto do lado do mar	86
Philarète Ouchka, chamado o Menor	87
Philarète, o Menor e os seus tres filhos	90
O tio Nicolão votado á abjecção	91
Mercado de S. Luiz	93

Soror Maria, reclusa em Solovetsk	102
Um recluso em Solovetsk	103
Bombardamento de Solovetsk pela esquadra anglo-franceza em 1854	106
O prisioneiro mysterioso de Solovetsk, Nicoláo Olyin	107
Rapariga de S. Luiz	110
Creadas oriundas do Senegal	111
M. Samarin, redactor da «Gazeta de Moscou»	117
Vista do convento de Troitsa	121
Vista exterior da estufa de S. M. El Rei Leopoldo II em Laeken	124
Vista interior da estufa de S. M. El Rei Lepoldo em Laeken	125
Moisés, Laptot	129
Vista do convento de Troitsa	133
Um velho crente	137
O nivelamento	140
Alto Senegal — Um pastor Peul	141
Mulheres do Senegal	142
Phara Penda, chefe do Richard Toll	143
Cemiterio da Transfiguração, perto de Moscou, igreja de Velhos Crentes	153
ARREDORES DA GOLLEGÃ (duas gravuras)	156
Guedé	160
N'Dium	160
Nikon (Eleazar d'Anzerk)	166
Leonidas, patriarcha de Moscou	167
Uma «tarantase»	171
Mulheres do alto Senegal, Sarokolezas e Kassonkezas	173
Alto Senegal: Peul	174
Alto Senegal: Peul	175
Acampamento de refractarios	182
Cabana de refractarios	183
Podor	186
Forte Gorèa	187
Marabutos da Gorèa	190
Negros civilisados da Gorèa	191
Musico d'aldeia	198
Convento de Santa Theodosia em Kiev	199
Mulher russa	202
Palacio do governador na Gorèa	203
Praça de mercado na Gorèa	205
MULHER D'AVINTES	213
Trajes da Suabia (4 gravuras)	216
Trajes do Wutemberg (2 gravuras)	217
Trajes do ducado de Baden	218
Trajes da Baviera, Munich (2 gravuras)	219
Trajes d'Alsacia-Lorena, Strasburgo	220
Convento de St. Antonio em Kiev	223
Aldeia russa	225
VARINO	229
Moço de fretes russo	232
O antigo palacio do Khan tartaro em Bathchi-Seraï	233
Um caixeiro do Senegal	237
Um caixeiro do Senegal	238
Interior do hospital da Gorèa	239
UMA PAYSAGEM DAS CALDAS DE VIZELLA	245
Batchi-Seraï	248
Palacio d'inverno em S. Petersburgo	249
Vista geral de Moscou	253
Mercado na Gorèa	257
Griots da Gorèa	259
TRAZ-OS-MONTES: ARREDORES DE VILLA REAL	261
Os rochedos d'Ar-Men	266
Naufragio do «Ville du Havre»	267
Barco salva-vidas	269
Hotel des Messageries	275
Vista de Dakar	275

CASA DOS BICOS EM LISBOA	277
Boia de salvação luminosa pelo phosphoreto de calcio	283
Cyclone apanhado pelo «Amazone»	285
Incendio do Cospatrick	287
Ponto de desembarque em Dakar	289
ARCO DA RUA AUGUSTA	293
Boia de salvação illuminada pelo phosphoreto de calcio	296
Estação telegraphica semaphorica e pharol d'Agde (Herauld)	297
Balão atirado, no momento da partida, contra um gazometro da fabrica de gaz de La Villette	302
Effeitos da sombra d'um balão com aureola luminosa observada por cima das nuvens	303
Morte do aereonauta La Mountain, separado do seu balão a 4 de julho de 1873, em Iona (Estados-Unidos)	305
M. e M. ^{me} Duruof na barquinha do balão «Le Tricolore», descido à supercie do mar do Norte	310
O aereostata de M. Silvel preso à superficie do mar por meio do «cone-ancora»	312
Balão do cêrco de Paris passando por cima do acampamento prussiano	313
Mulheres do Hungo	317
Free-Town, capital da colonia da Serra-Leoa	320
Free-Town, vista tirada do mar	321
Fervença (Serra da Estrella)	325
Descida do balão «Ville d'Orleans» no monte Lid na Noruega	329
Transporte do balão captivo «Jean Bart» para as avançadas do exercito do Loire	332
O «fourgon» dos aereonautas militares deixando Orleans a 5 de dezembro de 1870	333
Rua e quarteis em Free-Town	336
CARTA GEOGRAPHICA DOS ARREDORES DE LISBOA	341
Casa russa do norte	345
Mosteiro de mulheres de Moscou	347
Terras da Serra Leoa	254
Terras da bahia do Cabo do Monte	354
Terras da bahia do Cabo Mesurade	355
Ebu-Amena	357
O sino grande e torre d'Ivan Vilikoi	361
Um negociante russo	363
Typos da costa d'Africa	366
Guerreiros do Tasso	369
ARREDORES DE COIMBRA: O CHOUPAL	369
Atelier photographico de Carlos Relvas	373
Aldeia russa	376
Palacio do Térem em Moscou: A sala d'ouro	377
Crumanos	383
Habitantes do Grã Bassam	385







-2. JAN. 1974

AVOZZANO

VOL.

1

Sala B

Est. 1

Tab. 6

N.° 17

N.°